ABGUAR BASTOS

A CONQUISTA ACREANA

11

SPVEA

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

A Amazônia tem se prestado a todos os excessos literários. O rio oceânico, o vale imenso, as florestas fabulosas excitaram a imaginação de escritores e poetas. É tão poderosa a fôrça dessa sugestão que ela chegou a arrastar, até mesmo, os espíritos objetivos e científicos de alguns naturalistas.

Mas o seu domínio avassalador verificou-se na literatura amazônica, que aliás não é muito grande. A natureza esmaga tudo nos trabalhos de Euclydes da Cunha, Godofredo Rangel, Raymundo Moraes, bem como nos romancistas e contistas que foram ver de binóculo a vida na vasta planície.

Agravou-se, nessa literatura, o defeito constante das nossas obras literárias, onde a paisagem sufoca o homem, o conjunto de detalhes esconde o principal, o cenário faz esquecer os personagens, os fatos se perdem no cipoal das narrativas, a ação morre na floresta espêssa de palavras.

Quem lê os livros sôbre a Amazônia, em cujas páginas corre o fabuloso rio, onde aparecem lendas e fantasmas, reptis e feras, indaga logo "Mas onde está o homem?" Não o encontramos satisfatòriamente fixado nem mesmo nos romances do "ciclo da borracha".

O sr. Abguar Bastos foi que, desde "Terra de Icamiaba", começou a responder à pergunta. Abandonou o "homem da borracha", porque lhe pareceu esgotado o manancial, quando na realidade quem se esgotou e pereceu, nessa luta econômica, foi o homem (não o motivo do seu drama), e passou a estudar o da castanha, que se não apresenta menos sombrio.

Já aqui, porém, não nos embaraçemos mais no artifício literário com que se distraíram os escritores do "ciclo da borracha". Em "SAFRA", que é a história do "homem da castanha", como no seu primeiro romance, onde a iniciou, o sr. Abguar Bastos não mostra a imagem da vida amazônica, espelhada no livro: é a própria vida do grande vale, na sua empolgante rudeza e na brutalidade de suas reações primitivas, que coloca diante de nós.

Talvez pareça mesmo excessiva a preocupação do romancista de ser objetivo, o que o leva a desviar o romance para o puro debate de temas econômicos e sociológicos, cortando bruscamente a narrativa. Êle próprio foge, uma vez ou outra, à admirável definição que nos deu do romance, na explicação inicial: "Síntese de acontecimentos que não perde de vista o fundo mais nobre das suas paisagens: eis o romance. Assim sendo, o seu material não só é intrínseco ao segrêdo da forma, como proíbe uma seqüência de arte que não se revele muito naturalmente. Dêsse modo, o plano do livro, isto é, a intenção social e sua experiência artística se misturam sem que um perceba o outro. Não será como água e azeite. Será, antes, como a luz e a côr.

A naturalidade literária desaparece, cedendo lugar à deliberação premeditada, sempre que avança no caminho sedutor das dissertações. É assim também quando fala do livro, dos seus personagens como se lhe fôssem estranhos, ou então quando, ao contrário, intervém ostensivamente para dizer, em meio do romance, que assim adquire um caráter de estudo econômico: "A êste livro cabe a tarefa de marchar com as rodas do último ciclo e com elas entrar no reino ciclópico da castanha".

O sr. Abguar Bastos abandona aí, como em alguns outros pontos, a posição do narrador, do criador de personagens, desviando o sentido de sua obra. A "intenção social e a experiência artística" não se misturam. Antes, uma se destaca e se distingue da outra.

No fim do livro, o ilustre escritor grava êstes períodos, que ainda uma vez confirmam essa observação: "Ora, é claro que todos êsses personagens acordaram nessa mesma deslumbrante manhã, aquecidos de sol, saúde e vontade de viver. Mas, dentro dêste livro, como num leito, continuarão a dormir".

Parecem-me graves erros de técnica literária, êsses que o sr. Abguar Bastos comete por essa forma. O romance deve ser um todo, um bloco, em que o romancista se integra, sem deixar perceber nunca que o olha de fora e que faz entrar nêle uma vida que não é sua própria vida, um clima que não seja o clima dos seus personagens. Desde que se começa a respirar dentro do livro, é necessário não sair mais do seu ambiente senão com os personagens, ou então não sair nunca, ficando com êles.

O romancista que nos mostra o drama da cultura da castanha na Amazônia com extraordinário poder de observação, desviando por vêzes a ação literária para outros planos, também compõe páginas de sátiras magistrais. É assim na descrição da visita, da Rainha do Café à Amazônia. A dama ilustre, um pouco assustada com os mosquitos, as doenças, as febres, olha os jacarés de lorgnon. As moças que a acompanhavam davam gritinhos de susto: "Os bôtos vieram espiar as meninas. -Ui! Ui! Ui! O poeta, secretário da Rainha, quer saber de um caboclo se conhece Uiára. Verificando que êle não sabe o que é, explica-lhe: -"Uma jovem de cabelos compridos que aparece nos lagos. -Ahn! Isto aqui não é Uiára não senhor. É visage".

Poucas páginas existirão na nossa literatura com a fôrça descritiva das que o sr. Abguar Bastos escreveu sôbre o exército de tartarugas que marcha para os taboleiros ao lado de águas paradas, onde vão procriar e morrer. Assim o impressionante episódio dos jacarés que, para não retirarem os olhos magnetizadores dos ovos de onde vão sair os filhos, deixam, imóveis, que a onça lhes devore a cauda: "A onça matreira sabia que nada lhe havia de acontecer, por isso já estava devorando, da ponta ao cabo, a vulnerável cauda do inimigo. O jacaré não se mexia, impunha-se à mutilação com a mais horrível das impassibilidades, mas os seus olhos continuavam pregados na direção dos ovos amados, porque os seus olhos representavam vida, continuidade, multiplicação. A onça, já farta, retirava-se. De qualquer maneira, êle não era só o grande mutilado, mas o grande morto. Porque, quando voltasse à água as piranhas correriam no rastro do sangue, no cheiro da carne viva, e o devorariam impunemente. Que é que poderiam seus furiosos golpes contra uma piracema de umas vinte mil piranhas? E os jacarèzinhos, quando saltavam dos ovos, mergulhavam no sangue dos pais e sua ferocidade era mais terrível ainda".

Dos personagens de SAFRA, Teotônio Povoas Neri é o maior. "Teotônio sem fraque não é Teotônio. O fraque sem Teotônio não era fraque". Vem depois o soldado Chico Polia, Valentim, Dalvino, Leocádio, Marcelo, Manduca.

Se observarmos bem, do novo livro do sr. Abguar Bastos, onde mais uma vez êle se afirma um grande escritor, não se eleva um simples grito em defesa dos que trabalham na Amazônia. É um depoimento sincero, talvez amargurado, a respeito de sua vida, dos seus sofrimentos, de suas misérias, dos seus desesperos e dos seus crimes, que reclama a atenção dos homens de govêrno.

JAYME DE BARROS

"SAFRA" - Abguar Bastos - Livraria José Olímpio Editora - Rio, 1937.

C A L

Número onze
Primeira Série

Sessenta e duas páginas
Ilustrações

Impresso em Multilith na
Agência da SPVEA no Rio

Mil novecentos e sessenta
D e z e m b r o

ABGUAR BASTOS

TERRA DE ICAMIABA

(ROMANCE DA AMAZONIA)

2ª EDIÇÃO

1934

NOITE NOVA EDITORES

ABGUAR BASTOS

CERTOS CAMINHOS DO MUNDO

(ROMANCE DO ACRE)

Abguar Bastos

ZAFRA

Novela del Amazonas

COLECCION CONTINENTE

Grandes Novelas Brasileñas

Serradello Corrêa

O RIO ACRE

Ligeiro estudo sobre a occupação

POSSIBILIDADES DO RIO ACRE (limites, navegação

e commercio com a Bolivia)

RIO DE JANEIRO

1899

ABGUAR BASTOS

SOMANLU

O Viajante da Estrêla

ILLUSTRAÇÕES DE

ROLOS BUTELHO

CONQUISTA

ARTUR CESAR FERREIRA REIS

CONQUISTA DO ACRE

(TESE AO III CONGRESSO SUL-RIOGRANDENSE DE HISTORIA E GEOGRAFIA)

A QUESTÃO DO ACRE

MANIFESTO

DOS

Chefes da Revolução Acreana ao venerando Presidente da Republica Brazileira, ao povo brazileiro e ás praças do commercio de Manaos e do Pará

PARÁ

RELATORIO

APRESENTADO AO

CORONEL JOSÉ PLACIDO DE CASTRO

PELO

CORONEL RODRIGO DE CARVALHO

MANAUS

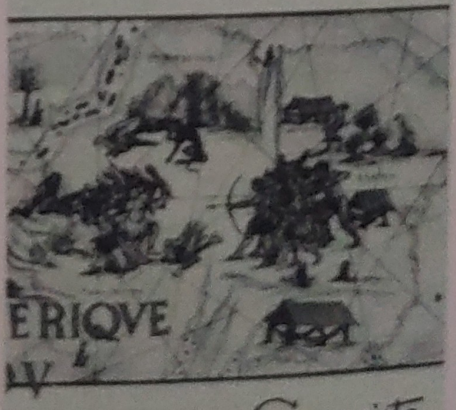
TYPOGRAPHIA DO "AMAZONAS"

1903

TEMAS BRASILEIROS

LEANDRO TOCANTINS

FORMAÇÃO HISTÓRICA DO ACRE

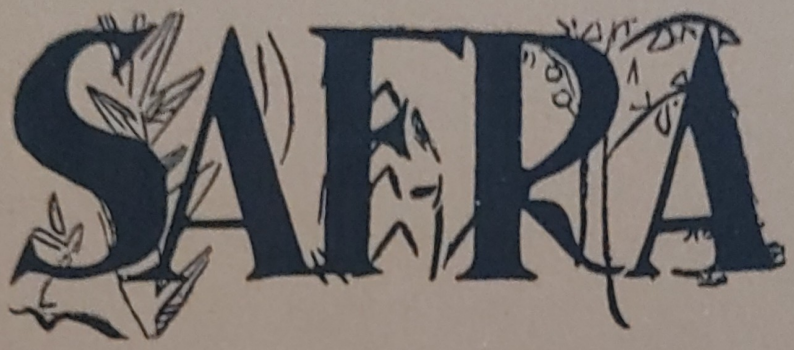


Conquista

ABGUAR BASTOS

OS DRAMAS DA AMAZÔNIA

— III —



2.ª Edição

CAPA DE DILZA

ILUSTRAÇÕES DE RENATO SILVA, SOLON BOTELHO,
CALMON BARRETO e SANTA ROSA

CONQUISTA
Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro
Brasil 1958

Serie 5.ª — *BRASILIANA* — *Vol. 191*
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILIANA

CRAVEIRO COSTA

A Conquista DO Deserto Ocidental

(Subsidios para a Historia do Territorio do Acre)

Edição Ilustrada

Introdução e notas de
ABGUAR BASTOS

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre
1940

ABGUAR BASTOS

A CONQUISTA ACREANA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO
AGÊNCIA DA SPVEA
Av. Franklin Roosevelt, 39 (S. 814)
RIO DE JANEIRO

OBRAS DE ABGUAR BASTOS

Série OS DRAMAS DA AMAZÔNIA

Publicados:

VOL. I — **Terra de Icamiaba** — o romance da Floresta.

VOL. II — **Certos Caminhos do Mundo** — o romance do Rio.

VOL. III — **Safra** — o romance da Vila.

A publicar:

VOL. IV — **Quatro Fogos** — o romance da Cidade.

Série NOVELAS DO FABULÁRIO BRASILEIRO

Publicado:

VOL. I — **Somanlu** — o Viajante da Estrêla

A publicar:

VOL. II — **Jurupari — o Herói das Sete Florestas.**

VOL. III — **Ceuci e o Setestrêlo**

Série GUERRAS E INSURREIÇÕES NO BRASIL

A publicar:

VOLS. I a V, referentes, respectivamente, aos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX.

Série ESTUDOS E ENSAIOS

A publicar:

História da Mulher Brasileira.

Humanização de Euclides da Cunha.

A Batalha da Esperança — Viagem às civilizações socialistas.

Simbologia Brasileira.

SPVEA

1960 Dezembro

A CONQUISTA ACREANA

1961 Possivelmente:

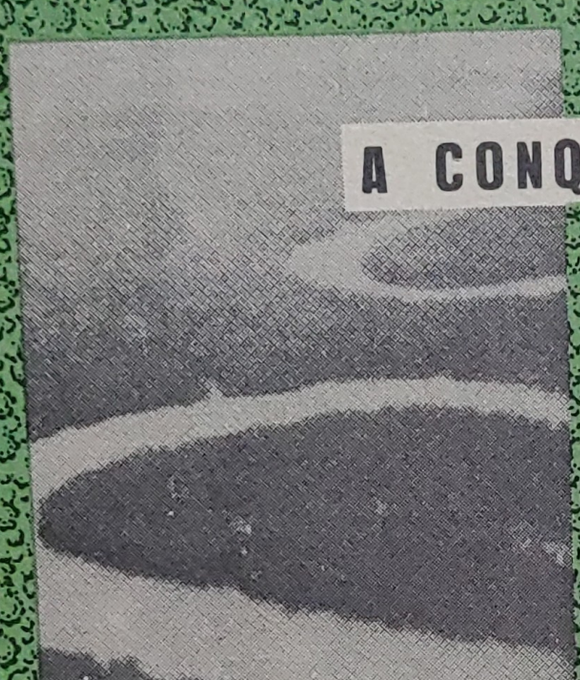
- A Explotação Amazônica
- Hamilton Rice no Rio Branco
- A Pesca na Amazônia
- A Economia Pesqueira na Amazônia
- História do Rio Amazonas
- A Bandeira de Pedro Teixeira
- Casas Aviadoras
- Função Social do Guaraná
- A Geografia e a Civilização
- A Conquista Espiritual da Amazônia
- Interêsses da Amazônia
- Geografia dos Transportes
- Presença do Museu Goeldi
- Gastão Cruls através da Amazônia
- Ufanistas e Clássicos da Amazônia
  Crítica e Antologia (Alfredo Ladislau,
  José Veríssimo, Inglês de Sousa,
  Raimundo Moraes, Araújo Lima).

ÍNDICE

	Contracapas	Crítica e louvação
Páginas	2, 3, 4, 59, 60 ...	O autor entre autores
	7	Fim e começo de safra
	9	O caminho, o homem e o produto
	11 a 50	O ensaio
	51	Apêndice
	52 a 54	Viva o Barão!
	56, 57, 58	Encontros com a Amazônia
	61/62	Impunidade. Lei

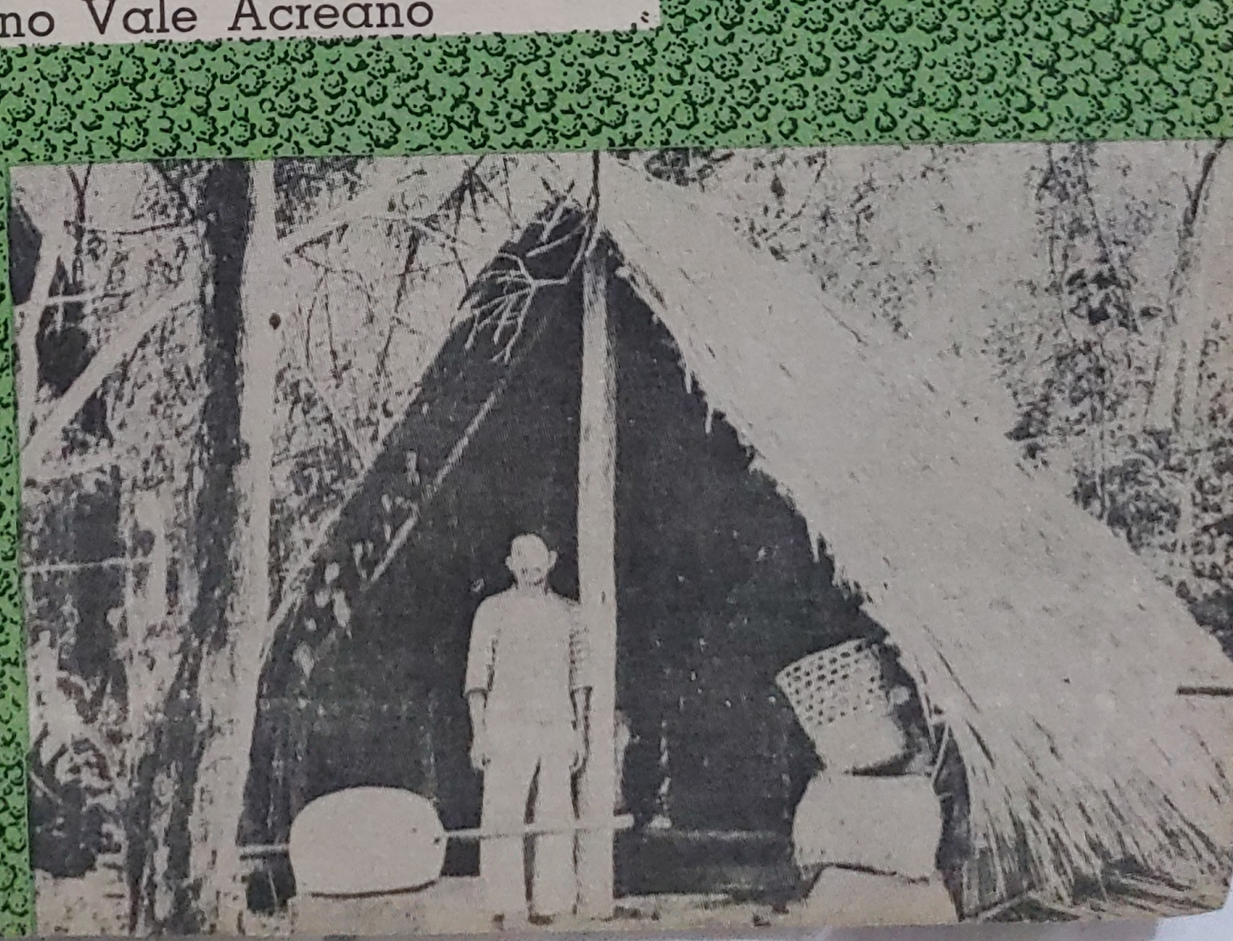
ILUSTRAÇÕES

	Sôbrecapa	Mapinha do Território
Entre páginas	14/15	Seringueira
	18/19	Indústria extrativa
	20/21	Índios
	26/27	O curupira muda a paisagem
	30/31	Aprendiz. Taperis
	36/37	O guerreiro
	48/49	Aspectos do rio Acre e da cidade de Rio Branco
	55/56	O estadista



A CONQUISTA ACREANA

Ensaio sócio-econômico da fixação do Nordestino no Vale Acreano



O homem do Acre, por outros caminhos, é igual ao homem da Califórnia. Um índice de civilização em terra feroz. Primitivismo bárbaro no comêço das suas relações sociais.

Acreano e californiano identificam-se melhor, quando, no tumulto da terra, transmitem, indelèvelmente, um sinal de humanidade. Ou quando, depois da luta, podem dizer ao mundo : — Eis que demos um destino a esta solidão !

Para o boliviano, ex-dono do Acre, aquilo sempre fôra o deserto. Era o que êle chamava, nos seus mapas, de "terras não descobertas". Presumia-se que se tratava duma zona *possuída* pelos solitários aventureiros. Zona sôlta aos índios e aos bichos. Sem rasto de colonização.

E ali nada havia de Saara, de Líbia, de Sibéria ou de Cariri. Acontecia, ao contrário, uma famosa mesopotâmia que se prolongava entre o Juruá e o Purus. Dentro dessas duas formidáveis bacias, nenhum reino de argila sêca nem seculares dunas. Repontavam dois impressionantes vales e um triângulo florestal de cento e cinqüenta e dois mil quilômetros quadrados.

Contra o mormaço que resseca, o calor que estorrica, e a fulguração que incendeia, desdobrava-se, do cotovêlo Purus-Acre ao cotovêlo Tarauacá-Juruá, todo um laborioso processo de irrigação que, de leste a oeste, levava húmus e clorofila às árvores.

Para os civilizados do Ocidente, era mesmo o deserto. Porque só os índios flutuavam nas margens dos seus rios e só os bichos vagavam pelas extensas e misteriosas paragens.

Quem lhe poderia vencer os confins, desvassar os rios, talar os pântanos ?

Florestas que eram cordas, piques, tôrres, muralhas. Rios torrenciais. Lamas devoradoras, pestilentas. Tudo bloqueado pelos exércitos de mosquitos que acutilam, massacram, com seus arpões venenosos. Qual o transeunte que se aventuraria dormir nessas brenhas ?

Na frente dessas léguas, como no deserto clássico, o sol não era o inimigo. Entre o impaludismo e o beribéri, desfilavam fantasmas sem conta. Derreados nas carcaças das bêstas ou debruçados nas proas dos barcos, êsses espectros assustavam aos bolivianos do Orton e do Rapirrã.

Os índios adjacentes espiavam... Por que trocar seus muros seguros do Beni ou do Madre de Dios pela aventura no "outro lado"?

Assim os rios do Acre continuavam desconhecidos, intransponíveis. Suas cabeceiras eram inapeláveis enigmas, como a do Javari que inutilizou várias cartas geográficas, antes de sua revelação.

Até 1866, o Amazonas, escoadouro natural do Acre, continuava fechado à navegação estrangeira. Os bolivianos não tinham pressa em arremeter além das "terras já descobertas". Não adiantava o Acre sem o caminho do Atlântico...

Foi ao tempo em que a Bolívia esperava melhorar suas condições internas, a fim de enfrentar o problema do Acre, que o californiano do Nordeste surgiu nas divisas. E atravessou-as. Montou nas pegadas de alguns intrépidos exploradores que se haviam aventurado através do Purus, do Iaco, do Tarauacá e do Juruá. Veio de supetão como nuvem de gafanhotos. E andou sempre para diante, mal-entrouxado, cabeludo, apressado, cuspindo pragas.

Arribara do deserto clássico, inimigo do bicho e do homem, da planta e da água. Os pés ainda sangravam das pedras. Nas carnes ensolaradas havia cheiro de mar. Marchava

do estorricamento para o dilúvio. Do *gneiss* para a aluvião. Da sêde para o afogamento.

Dois desertos, tremendamente antagônicos, êsses donde vinha e para onde ia tão esquisito viajante.

O cearense e o Acre eram dois destinos ainda sem comunicação com a vida : o primeiro à procura duma terra que o recebesse, o segundo em busca de um povo que o tomasse. Ambos soturnos, ásperos, trágicos. Ambos libertando das costas um deserto agressivo. Um carregado de filhos. Outro carregado de rios.

II

Domando a nova natureza, o nordestino não buscava o Canaã. Buscava mesmo a Califórnia. No tempo da seringa, o látex tinha celebridade de ouro.

Chegou, penetrou, espalhou-se.

Tangido pela sêca, buscava o Acre como refúgio; mas esperava voltar, logo que a inclemência cósmica o anistiasse. Sonhava, contudo, regressar ao sertão, ébrio de distâncias e farto de pecúnia. No entanto, demorava. Que *é que* estava acontecendo ?

Por sua vida miserável, o sertanejo pobre era, depois do índio, o último homem da escala social do Brasil. Da "escala social" — porque o era da "escala econômica". Vivia das sobras das fazendas e do rebotalho das bagaceiras. Para avaliá-lo, era só ver a sua "bagagem". Para *compreendê-lo*, era só ver as suas necessidades. Pertencia às castas infelizes do camponês e do trabalhador rural. É verdade que sobrevivia como o cactus no areal. Sobrevivia como fenômeno humano.

Era êsse homem que, no Acre, esperava uma compensação. As notícias diziam tratar-se duma terra sem dono. Terra desocupada e livre. Era só chegar e estabelecer-se. Cair no "corte" como o garimpeiro na batéia. Depois, recolher o látex-ouro. Depois, enriquecer e voltar.

Todo o Acre passou a ser um acampamento.

A sedutora miragem amodorrava o nordestino. E não poderia haver mais bela miragem para o homem sofredor, enfêrmo, pobre e escravizado.

Mas, ao primeiro contacto com a selva, a decepção econômica era contundente como ponta de aço. A terra livre era um feudo.

Não era em vão que se metia a mão nas pepitas da Califórnia. A terra subornava, o senhor oprimia. Em vez da divisão, o latifúndio. Em vez do reino popular, o reino dos proprietários. Até que, chefiados por êstes, "brabos" e "cabras" fizeram uma revolução, levantaram a bandeira da independência do Acre e ganharam a guerra. No balanço dos mortos, verificara-se que os bolivianos haviam perdido algumas centenas de homens, com a resistência, enquanto que, além dos recrutas sacrificados com a ofensiva armada, o Brasil perdera, ainda, cem mil sertanejos devorados pelas febres. E êste foi exatamente o preço da conquista ocidental, durante vinte anos.

Depois da luta de libertação, a história vai encontrar novamente decepcionado o velho sofredor cearense.

Antes, era o fuzil boliviano, o chumbo da tributação boliviana, as ameaças bolivianas, o "Território das Colônias".

Depois, o fuzil brasileiro, o chumbo da tributação brasileira, as ameaças brasileiras e, sôbre o revolucionário "Estado Independente" com foros de República e pronunciamentos populares, o "Território Federal do Acre" e a ocupação militar.

Só o nordestino podia resistir no Acre. Porque só o nordestino trazia têmpera de cactus.

Julgava que seria o colonizador de movimentos livres e recompensas agradecidas. Um homem não só de subsistência garantida mas de nivelamentos dignos.

Na areia, na pedra, no fogo, êle fôra o cactus, mas um cactus heróico. Não aceitaria, pois, na terra mole, no barro, no cerne úmido, condições de cogumelo. Êste era o seu sentimento.

Porém, logo que chegava ao Acre, encontrava o "centro". O "centro" no coração da terra-firme, longe das margens co-

As árvores de que se extrai o látex encontram-se tanto nas terras firmes, como nas várzeas. São as héveas, cujas espécies mais importantes chegam a vinte. A Hévea brasiliensis é a de maior importância econômica, pela riqueza do látex que produz. É uma árvore de 20 m e mais de altura, de porte airoso, piramidal, em plena floresta, de tronco ordinàriamente reto e não ramificado. A. R.

municantes, perto dos índios, no meio dos bichos. O "centro" era o sertão dos seringais. No regime florestal, marchava-se terra adentro, tanto mais para longe quanto mais perto houvesse sinal de zona explorada ou devastada. As margens já estavam exaustas de material extrativo. O "centro" é que ainda oferecia virgindade e riqueza. A margem era o peixe ou um potencial de lavoura que, até 1903, ainda não rebentara na crosta latifundiária. Quem é que poderia pensar em agricultura na terra da seringa ?

Com as vicissitudes vinha a saturação. Era quando o seringueiro verificava que vivia em regime de troca : dava o látex pela mercadoria. A moeda era inapreciável na selva. Uma liquidação de "saldo", raramente, poderia habilitá-lo ao regresso. Pagava demais — o devido e o indevido. Pagava o custeio da viagem, desde o Ceará. Os fornecimentos de utensílios. Os mantimentos. As roupas. Os remédios. Os adiantamentos. A localização. Para receber, em *dinheiro,* o "saldo", ainda pagaria dez por cento de ágio sôbre a "remessa" da moeda, extravagante "fornecimento" dos grandes aviadores. Por via de fretes, seguros e prováveis lucros usufruídos pelo patrão, a mercadoria chegava às mãos do seringueiro onerada em quase cem por cento do seu valor comum. Os proprietários, por sua vez, diziam-se escravizados ao grande aviador, ao fisco e ao frete. Trinta e quatro por cento era o pêso da tributação fiscal, do frete e das comissões dos comissários de venda. Além disso, havia o beneficiamento, o entrepôsto, a "quebra". Havia o transporte do "centro" para a margem. "Cada muar custa, em média, 900$000" — diz um relatório de Plácido de Castro. E "devido principalmente à epizootia terrível, que dizima anualmente", o proprietário era obrigado a permanentes aquisições de alimarias. Oitenta quilômetros era a distância média do "centro" ao pôrto. Alegavam, também, o prejuízo dos engajamentos. Duma leva de cem homens, feitas tôdas as despesas, apenas sessenta chegavam ao seringal. Quarenta adoeciam, morriam ou arribavam em Belém ou Manaus. O drama do proprietário não era o drama do "centro", mas o da margem. Aqui não entrava coisa alguma da angustiosa tragédia humana do "centro". Aqui, era

a luta entre capitalistas, num plano superior do cálculo e do lucro. Lutava-se pela conservação e pelo expansionismo das propriedades. Havia, aqui, uma angústia pitagórica, sustentada pela flutuação dos mercados, pelo jôgo do câmbio e das cotações. Não se tratava dum sofrimento de entranhas, nem de perplexidades físicas. Entre o homem proprietário da margem e o homem assalariado do "centro", a diferença era esta : um suava em meditação, o outro em sangue. Um devia dinheiro, o outro, a vida. Um caía e se levantava, o outro caía e rastejava. Um *podia* ter dinheiro, o outro *devia* ter obrigações. Um sofria, reclamando e exigindo, o outro sofria, agradecendo e humilhando-se.

De maneira que uma pancada, na margem, repercutia duas vêzes no "centro". E quando sua produção, em safra, atingisse a impressionante cotação de 10$ a 14$000 o quilo — o "saldo "do seringueiro, muitas vêzes, não cobriria as despesas ou, cobrindo-as, não daria para comprar uma fazenda ou uma engenhoca no Ceará. O nordestino só admitia o regresso com a libertação. Sonhara livrar-se do fazendeiro ou do senhor de engenho. Fazer vida própria, também ser proprietário.

Diante da grande impossibilidade, as aspirações do seringueiro adventício reduziam-se : já se contentava em descer do "centro" para a margem, ter aí um trato de terra, a mulher e a barraca. Ganhar a sua compensação humilde, mas íntima. Modesta, mas humana. Voltava-lhe o instinto da agricultura, da criação, da economia patriarcal.

Estava preparado o advento dos pequenos proprietários pobres, sem mais ilusão alguma, com uma lavoura que, mesmo sendo incipiente e apenas dando para alimentar a família, os livraria, contudo, da opressão dos seringais. Dado êsse passo de fixação, o nordestino passaria a considerar, de outro jeito, a sua participação nos serviços da seringa. Trabalharia nas safras, dependendo apenas do regime da divisão de estradas. Entregaria ao seringalista o produto de seu trabalho e voltaria para a roça, onde a mulher e os filhos-meninos cuidariam da plantação. Êstes pequenos proprietários pobres, com os deficientes "saldos" acumulados, passariam a arrendar estradas. Então, já por conta própria, manobrariam na seringa.

Dêsse modo, entrosar-se-iam nas margens dos rios livres (porque os havia "fechados", por senhores do rio todo).

De qualquer forma passava a ser uma necessidade o agrupamento familiar. Paralelamente à era do seringueiro, surgia, assim, ainda que muito imprecisamente, uma camada humana que se preparava para enfrentar, um dia, a derrocada da seringa, com a fase do lavrador patriarcal. Poder contemporizar-se com a lavoura, no intervalo das safras, já seria um passo econômico que, mesmo essencialmente doméstico, não deixaria de ser anotado como a primeira manifestação de assimilação da terra pelo homem. Em lugar de acampamentos, surgiriam cidades. O tipo acreano começaria a ser caldeado, modelado, fundido. As primeiras casas, em roçados próprios, exprimiriam a deliberação do colono em perpetuar-se, lançar raízes e, mais tarde, mudar o deserto em Estado.

O californiano do Nordeste chegara ao Acre em carne viva. Agora, a sua nova crosta já era tão dura e tão forte quanto sua predestinação.

O Acre não seria cearense. Mas o cearense seria acreano.

III

A vida florestal (extrativa) do Brasil foi uma etapa econômica que se poderia chamar de "economia do bugre manso", considerando-se que o índio foi o primeiro trabalhador do pau-de-tinta e da madeira-de-lei, no mesmo instante em que as florestas davam, também, macacos e papagaios. Daí por diante, conforme essa forma econômica recuava para o centro ou para o interior dos rios menores, todo o processo de produção florestal passou a ter cheiro de índio. Os selvagens continuaram a ser os filhos das árvores, donde tiravam tôdas as compensações para as suas necessidades. O fogo, a canoa, as armas, os utensílios, o troçano, a tinta, o óleo, as resinas, os frutos e as amêndoas eram presentes de árvores, seculares ou não, de qualquer forma espontâneamente nascidas. Um dos

últimos redutos da indiada foi a Amazônia. Em certas tribos, denotando o impulso nômade e a economia de caça e pesca, as habitações ainda eram arbóreas. A árvore era o esteio natural em cujos arredores se levantava o mutá. *Pacajá, parijó, camarapim* resistiram aos francêses e o rio Tocantins foi defendido da foz às cabeceiras. Os *tupinambá,* chefiados por Guamiaba (Cabelo de Velha), atacaram valentemente a fundação Castelo Branco (hoje Belém). Ajuricaba, no rio Negro, é, durante vários anos, o chefe de tôdas as nações unidas contra o estrangeiro. Os *mundurucu* fecham o Tapajós. Os *juruna* batem os paulistas. Em seguida, derrotam o capitão-mor de Gurupá que saíra para o Xingu à frente de cem mosqueteiros e três mil índios. Os *urubu,* no rio do mesmo nome, refluem para o sertão e até hoje deixam seus sinais de guerra nas estradas telegráficas. Os *neengaíba* da Ilha do Marajó, antes chamada Reino de Marinantabalo, derrotam várias vêzes os portuguêses.

Tôda essa resistência era garantindo a floresta e o campo contra a invasão, porque na floresta estava o símbolo potencial da economia silvícola.

Um dia, La Condamine descobre que os índios do Solimões (*Cambeba*) faziam borracha. Revela ao mundo a utilidade da seringueira. Através dessa revelação, estabelece-se um novo sistema de relações entre índios e civilizados : a seringa. O indígena é ainda o primeiro trabalhador dêste ciclo, como o fôra do pau-de-tinta. Tôda a Amazônia passou a viver da borracha. Uma fortuna que lhe vinha, mais uma vez, das mãos gentílicas. Os civilizados entraram a tomar os caminhos dos índios no rumo das estradas gomeiras. Os mansos ficaram a serviço do invasor. Os rebeldes transpunham outros rios e afundavam-se em florestas inacessíveis. Pareciam ter um conceito mais apurado de liberdade que os índios caucheiros da Bolívia e do Peru. Tôdas as tribos que abandonaram o regime florestal extrativo e o de caça e pesca, trocando-os pelo de plantação, como norma de acesso a um plano mais civilizado, entraram em decadência ou desapareceram.

Não nos referimos às tribos que alcançaram o patriarcado da lavoura por evolução natural, mas àquelas que o recebe-

"Um dia, La Condamine descobre que os índios do Solimões faziam borracha. Revela ao mundo a utilidade da seringueira."

balateira (corte)

seva

Caucho

hevea
Novo processo de coagulação do látex

ram das mãos dos civilizados, já não só com os instrumentos, mas com a *moral* da civilização.

O bugre, perdendo o *instinto* da sua economia, era absorvido pelo "complexo moral" do novo patriarcado. Perdia, com o instinto da liberdade, a *sua* moral de resistência. Desaparecia o sentido da unificação gentílica, durante séculos conseguida pela família consangüínea das "gens" e pela aglutinação destas em lanços ou ranchos, dêstes em tribos e destas em nações. Resistiram e resistem ainda os que se conservam resolutamente florestais. Os outros, que ainda vivem lavrando e criando ou em comércio de troca com os civilizados, perderam o penacho da unificação. Suas malocas transformaram-se em povoados. Passaram a ser, simplesmente, "os índios pacificados". Os seus rituais de guerra passaram a ser feitiçarias. E os pajés perderam, duma vez, todo o seu prestígio perante as tribos.

Contudo, o que aqui cabe observar, é que, mesmo em decadência, os índios mantêm, por todos os lugares da Amazônia, o seu inapagável sinal. A sua forma de economia ainda permanece, impondo entre os civilizados uma constante luta entre o instinto secular e a moral adventícia.

Para guardar as últimas tradições do índio brasileiro, a Amazônia revestiu-se de três peculiaridades, no confronto com o resto do Brasil : uma geografia especial; um tipo humano especial; uma economia especial. No Brasil, nenhuma bacia como a do Amazonas; nenhum tipo como o caboclo; nenhuma outra economia de castanha e seringa. O "habitat", a economia e o homem, distinguindo-se, identificam-se. O homem igual à sua economia. Economia igual ao seu "habitat". Região de florestas portentosamente densas e férteis, economia portentosamente florestal. E entre o "habitat" e a forma de sustentação, um homem côr de argila; cabelos negros, de sombra; olhos oblíquos, cansados de claridade; mãos fortes, de pau; dedos rijos como cipós; tórax grosso de derrubador de matas; pés resistentes como troncos; ombros curvados de atravessador de rios. Um homem só instinto: na fala mansa, de quem mais se acostumou a ouvir que a falar; na capacidade de resistir solitàriamente, porque no mato ou no rio

nenhum segrêdo há para êle; nos gestos nunca precipitados, porque nunca se antecipa aos fatos e corre sempre paralelamente a êles; na ação pronta, porque a floresta o obrigou a manter um instinto permanente de auto-defesa; na vigilância sagaz, de quem, por fôrça de hábito, foi obrigado a conservar na superfície todos os seus sentidos; na tolerância que lhe veio do regime comunal de clã; na tendência impulsiva de socorrer, agradar, tornar-se útil, porque, na solidão dos grandes rios, a necessidade dos auxílios recíprocos é premente a cada instante.

Enquanto os regimes de criação, plantação e industrialização mecânica transformam outras regiões brasileiras, a Amazônia continua como o tabu econômico do Brasil: ainda roda os seus carros principais de produção, com os rodas seculares da economia florestal extrativa. Se na sua balança comercial aparecem o algodão, o açúcar, o guaraná, a laranja, a banana e os cereais, isto mostra apenas o empenho das margens dos grandes rios e dos subúrbios das cidades comerciais em se libertarem da floresta para uma aproximação mais veloz das vantagens da civilização industrial. Mas os gênios florestais continuam vencendo.

Pois bem, o Acre é um prolongamento da Amazônia, com tôdas as peculiaridades desta. O seu destino econômico é o mesmo. Mas a sua história é recente e não deixa de ser interessante fixar que tipo de homem está surgindo no Acre, quais as possibilidades do seu "caráter" e como poderá comportar-se, socialmente, no futuro.

IV

Que é o homem do Acre ? É *ainda* o nordestino ? Quais as reações dêsse homem ao regredir para a economia florestal?

A grande obra de Craveiro Costa oferece-nos importantes subsídios para êsse estudo. A CONQUISTA DO DESERTO OCIDENTAL, além dos aspectos geográficos, políticos e ju-

rídicos, mostra-nos alguns dos processos de luta econômica do vale acreano. Temos aí uma noção de conjunto, antes, històricamente, negada aos curiosos. Com êsse livro do historiador alagoano, vários outros documentos se tornam mais plásticos ao exame da formação social das populações do Acre.

Ao enfrentar o problema da cultura coletiva do Território e dos seus movimentos em adaptar-se às recíprocas necessidades, impõe-se a primeira pergunta: que espécie de civilização contribuíu para colonizar o Acre ?

Não resta mais a menor dúvida, que a grande massa povoadora do Acre foi a do nordestino brasileiro.

Em 1877, chegava à foz do rio Acre uma lancha: a "Anajás". Nela vinha o primeiro e maior explorador do Acre: Manoel Urbano da Encarnação. Entre outros, acompanhavam-no seu filho Braz Urbano, João Gabriel de Carvalho, Chagas Souza, Damasceno Girão, Antônio do Sacramento, José de Matos. No rastro de Urbano, seguiram-se outros exploradores e, na trilha dêstes, vários anos depois, todo o exército do Nordeste.

Então vamos procurar saber quais as condições de vida do sertanejo na época da emigração. Êle era, nada mais nada menos que um denodado animal da era patriarcal de plantação. Remanescente da economia agrícola da cana-de-açúcar. Boiadeiro e vaqueiro pelo regime paralelo da criação. Entre a boiada e a bagaceira, o ser escanifrado das lonjuras nordestinas passeava. Era ainda um produto cósmico: dependia do sol e da chuva; vivia com o termômetro da sua angústia prêso à tensão atmosférica e dependia sempre daquela espantosa febre celestial que estorricava caminhos, plantas, bichos e homens.

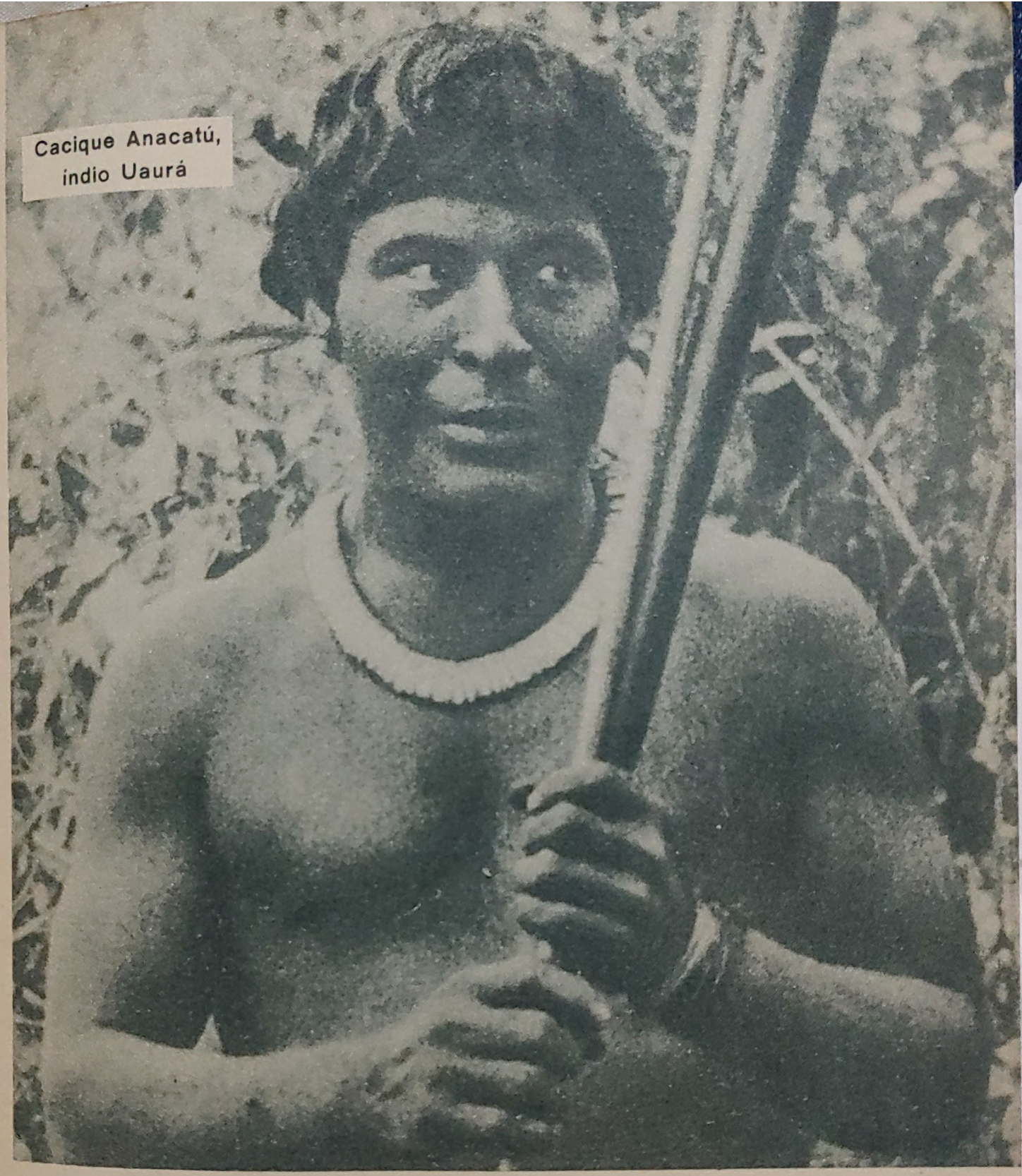
O sistema econômico de plantação, sendo o primeiro grande marco territorial de fixação humana, estabelece que, quando o homem resolve plantar, resolveu permanecer. Eis um ponto importante para quando chegarmos à análise mais concreta dos acontecimentos sociais do Acre.

Começando com a plantação, a era do patriarcado da civilização no Brasil rompeu com a rarefação nômade dos povos

que vagavam no rumo das especiarias. E as "reduções" de índios não tinham outra determinante senão esta: consolidar o sistema agrícola com uma nova ordem social de senhores e escravos, deixando na exaustão o sistema florestal que teimava em manter uma forma promíscua que debilitava a disciplina e ameaçava o estruturamento moral do patriarcado civilizado. Numa só frente, os colonos-agricultores irmanavam-se aos chefes capitalistas da colonização para explorar e dizimar as tribos, enquanto acontecia que, contraditòriamente, no reino dos civilizados, duas classes começavam a superpor-se, entre si, quebrando singularmente a unidade. De um lado, em plano inferior, agrupava-se o pequeno patriarcado rural e do outro, em plano superior, crescia e dominava o grande patriarcado latifundista. Um plebeu, outro nobre. Um empregando braços de parentes, outro possuindo braços de escravos. Um na casa de barro, chão e palha; outro na casa-grande, com a senzala e a olaria, o jacarandá e o azulejo, os panos da Índia e as baixelas, a varanda e a igreja. Um suando na sua engenhoca precária, de uso doméstico, e plantando para comer. Outro, senhor de engenhos, exportador e comerciante.

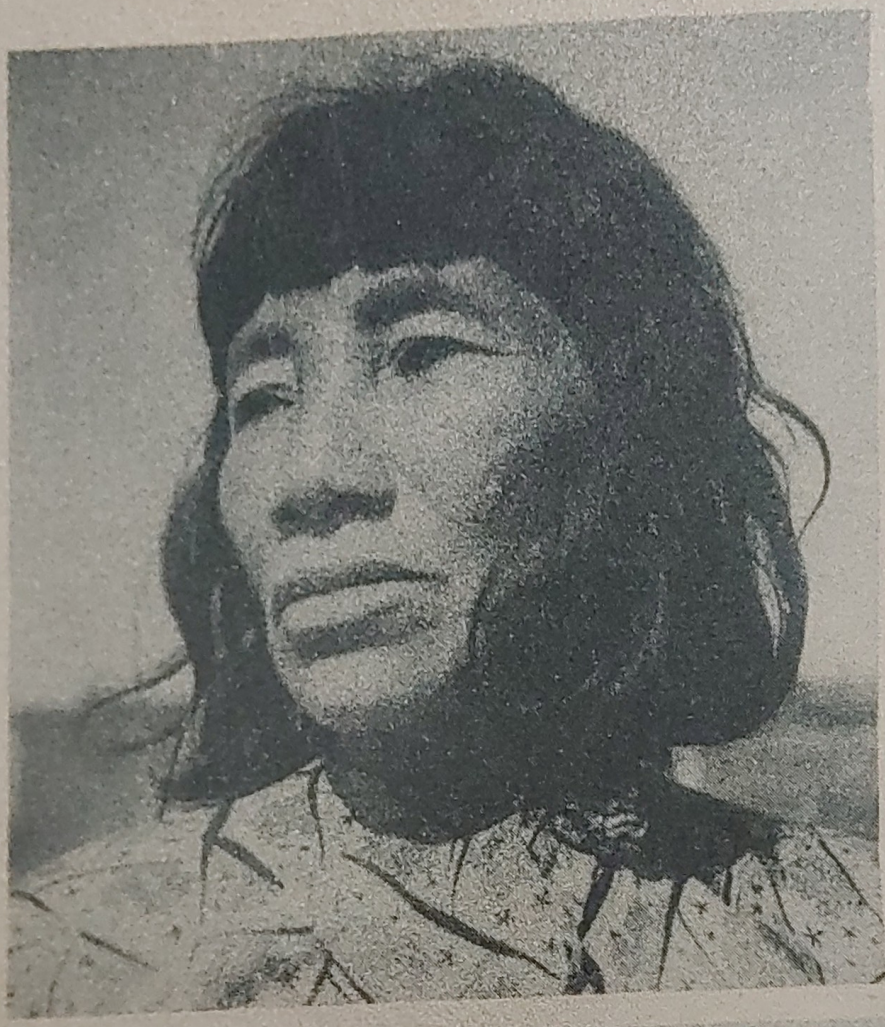
Da camada do pequeno patriarcado rural dessoldavam-se, com o correr dos tempos, as subcamadas do assalariado branco na substituição do escravo amarelo e do escravo negro.

O assalariado branco passava, depois do ciclo escravocrata do negro, a reencontrar-se em estado de vida selvagem, quanto às suas novas condições econômicas. Porque, no tempo das lutas religiosas entre franciscanos, jesuítas e colonos, se criou uma categoria de "índios livres", que, por serem "livres", ficariam novamente aldeados ou divididos pelas antigas aldeias "de onde, repartidos com os demais índios delas pelos moradores", os serviriam "em seis meses do ano alternadamente de dois em dois, ficando os outros seis meses para tratarem de suas lavouras e famílias". O salário seria de duas varas de pano, por mês, pelos colonos considerado uma extorsão. Com o assalariado branco pouca diferença havia e, havendo-o, era para pior. Êle era "repartido" entre os latifundistas. Não trabalhava seis meses por ano mas a vida tôda, continuadamente. Não eram aldeados êstes assalariados, mas "arran-



Cacique Anacatú,
índio Uaurá

In "Indios do Brasil", de Cândido Rondon



SOLPEBRA - TERRITÓRIO DO ACRE - ÍNDIOS DA RAÇA COCAMAS

chados" nas fazendas e engenhos, o que era o mesmo. Não ganhavam duas varas de pano, mas, na proporção do seu nível de vida, os seus salários tinham o mesmo valor.

Assim o índio era uma necessidade vital para o colono civilizado. Sem êsses braços, a roda da fortuna desandaria. Também o assalariado branco era imprescindível ao latifundista, senhor de engenhos.

O grande patriarcado rural vivera de índio e em seguida de negro. Mas, liberto o índio ou desaparecido, e liberto o negro, restava a escravidão por outros processos. O branco pobre substituiria o índio "reduzido" e o negro comprado. Criar-se-iam tais condições econômicas para êle que, em todo o tempo, seus braços estariam, permanentemente, alugados ao latifundiário. E foi o que se deu. E foi desta subcamada infeliz que saíram os povoadores do Acre. A marcha para o Acre foi, sem dúvida, uma irresistível marcha de libertação.

Era do patriarcado agrícola da civilização que descia para o Acre o californiano do Nordeste.

V

Na época do êxodo para o Acre, o nordestino encontrava-se na fase culminante do regime de plantação. E já começava a atravessar os limites dêste com a civilização industrial. A indústria manual das rêdes, das farinhadas e do açúcar prêto passara para a indústria mecânica. O colono fizera-se, politicamente, independente, atravessara um período imperial, ganhara uma nacionalidade, entrava no período republicano e se encontrava senhor de prerrogativas máximas. Do barco de vela alcançara o vapor, a estrada de ferro, o automóvel, o telégrafo, as armas automáticas. Usara os tecidos do tear mecânico e estava já sob os estremeções da civilização da máquina.

A distância, que o separava do fio gentílico, era enorme. Para chegar até aí, havia que transpor-se, de volta, todo o

ciclo da cana-de-açúcar, da mineração, do comércio de escravos e o das especiarias, quanto à fase da civilização; o da olaria, do pau-de-tinta, do milho e o da caça e pesca, quanto à dos silvícolas.

A cada ciclo econômico, transformador do nível da vida, corresponde sempre uma alteração de místicas e um reajustamento dos complexos morais.

Vemos os índios caçadores, tirando a origem do mundo dos bichos e das plantas. Vemos os índios pescadores, das regiões encachoeiradas, tirando a mesma origem das pedras.

Para os selvagens praieiros, a Noite saiu dum caroço de tucumã. Para os tapajônios (rio Tapajós) ela saiu das pedras e o céu é uma grande pedra polida. Mas os caçadores e pescadores confundem-se, porque a caça e a pesca formam uma única economia. Campos, morros e rios, geralmente, têm nome de bichos. Da pedra de Urubuquara, no Uapês, sairam os povoadores do mundo. Essa pedra tem dois buracos: dum sairam os bons, doutro os maus.

Na época de caça e pesca, surgiram os deuses tutelares da floresta e da caça. O Curupira defendia os bichos contra os homens, mas naturalmente contra os homens estranhos à tribo que êle servia. Também fazia com que o estrangeiro se perdesse nos caminhos florestais e, depois de grandes voltas, tornasse ao mesmo lugar, assim como se andasse sôbre um caminho circular. O Mapinguari, com um ôlho na testa, alumiava, de noite, as estradas. O Bôto passou a ser o unificador entre as famílias dos rios e as famílias humanas das florestas. Transformando-se em homem e fecundando as raparigas, criava uma geração de homens filhos de peixe, que, certamente, ao atingirem a idade adulta, se transformariam em defensores de todos os peixes perseguidos.

Tudo isto é muito simples, mesmo infantil. Ainda seria o século do matriarcado, dos casamentos por grupos, da poligamia e da poliandria. Ainda no tempo em que as icamiabas se reuniam no Lago do Espelho da Lua (Iaci-uaruá), na base da serra do Copo, a fim de esperar os homens das outras tribos que haviam de fecundá-las. Nessa ocasião, depois do pacto

amoroso, as icamiabas golpeavam-se com o sílex. Gôtas de sangue caíam nas águas do lago. Então os peixes mudavam de forma e transformavam-se em pedra, guardando, entretanto, a côr primitiva. As icamiabas mergulhavam e recolhiam as pedras do encantamento e com elas recompensavam os homens que as tinham possuído. Era isto que se chamava o "muiraquitã". Portanto, entre caçadores-pescadores, o símbolo do amor ainda era o peixe e a lenda do bôto não deixa de ser uma ratificação do mesmo símbolo.

O peixe, pelo vigor da sua multiplicação, representava bem aquela era em que as mulheres podiam pertencer a vários homens e os homens podiam fecundar várias mulheres. O amor era copiado da vida dos bichos florestais e dos rios. Todo o sistema de organização provinha do instinto procriador, bastante livre e simples.

Porém, quando o tupi começou a interessar-se pela cultura agrícola (e para êle iniciou-se o ciclo do milho), quando descobriu as vantagens da mandioca e outras raízes similares, o nomadismo da caça e da pesca cedeu à fixação periódica, e mais estável, da era agrícola. Surgiram roçados e com os roçados um bruxoleio moral, de maior disciplina, de acomodações mais claras entre o instinto comunal atávico e as necessidades de serem melhor definidas as responsabilidades do homem como senhor de suas plantações. Com o matriarcado, o que era do pai pertencia ao seu clã e, como os filhos pertenciam ao clã materno, jamais herdavam dos pais. Com a economia agrícola havia que modificar-se êste sistema. Então já havia o que herdar, o que suceder, o que guardar e zelar: terras e plantas; objetos e instrumentos. Então era necessário que os filhos possuíssem as coisas dos pais. Dêsse modo, o pai passou a pertencer ao clã de sua mulher e assim o patriarcado de plantação gentílica entrou a manifestar-se. Novas transformações haviam de suceder-se, em conseqüência. A poliandria desapareceu com o casamento. A poligamia sofreu restrições: passou a ser privilégio dos "principais", dos tuxáuas. Êsses maiorais eram os primeiros grandes proprietários, ainda que com uma organização peculiar. Tinham direito a possuir os maiores pedaços de terra cultivável. Todos os

clãs, quando se tratava de um chefe de tribo, ou o seu "clã", quando se tratava de um "principal" de "gens", eram obrigados a, em determinados períodos, trabalhar nas terras do "chefe". Também, como nas tribos israelitas, os pretendentes à mão da filha de um "principal" eram obrigados a trabalhar três anos para o futuro sôgro. Êstes eram os criados.

É nesta altura, em que o primitivo sistema de caça e pesca entra em subversão, que também surge para o índio a premência de um critério moral, ainda que rude, capaz de induzir disciplina mais larga e consolidar o patriarcado. Então começam as maiores guerras, aquelas que visavam ao domínio das terras consideradas mais férteis. Deve ser neste instante que as tribos aceitam a primeira divindade legisladora: Jurupari. Entre os *nuara* e os *neengaíba* que já haviam atingido o estado de barbárie e, portanto, já eram povos superiores a quaisquer outros do Brasil selvagem, entre estas nações oleiras da Ilha de Joanes, hoje Marajó, Jurupari dominou intensamente e a sua legislação, com todo o fastígio de seu ritual, ainda hoje se exercita, solenemente, entre as tribos do Uapês, Rio Negro a dentro.

Mas Jurupari é um êmulo do Javeh judeu. Seus olhos estão voltados para a glória dos chefes, dos guias, dos feiticeiros que são os sacerdotes das tribos.

A sua principal objurgatória é contra o matriarcado. Proibe, logo, às mulheres de interferirem nos negócios importantes da tribo. Tira-lhes todo o poder antigo e as reduz a simples escravas do homem.

Quando diz à mulher: "Sê virgem até a puberdade", está dizendo: "Sê virgem até o casamento". Golpeia, dêsse modo, a poliandria. Cada mulher a seu homem. E como o homem há que dever fidelidade à mulher, Jurupari estabelece, de um só golpe, a queda poliândrica e poligâmica. A monogamia passa a ser a pedra angular do patriarcado, ainda que fazendo concessões aos "principais", únicos senhores com direitos poligâmicos.

Admite que os poderosos possam ter várias mulheres. E diz: "Sê forte para sêres poderoso e poderoso para sustentares, sem preocupações, tôdas as mulheres da tua casa".

CURUPIRA

In "Somanlu", de Abguar Bastos (Editora Conquista) - 1953

"Deixa que a fôrça da lua passe tôda para o teu filho". Segue-se o conselho para que isto aconteça. O jejum e outras abstinências durante duas luas. Mas não a mulher, e sim o homem. Portanto, o filho prepara-se para ser um grande guerreiro, para que possa, um dia, ter foros de "principal". Não só isto. Mas, igualmente, manter a tradição paterna, de glórias, direitos e regalias.

Novamente, arremete contra a poliandria e clama: "Não enganes a teu marido".

Abala os últimos pruridos matriarcais com uma observação ameaçadora: "Nunca me olhes, porque então te castigarei contra essa curiosidade".

Tôda sua legislação indica uma luta decisiva contra o poderio da mulher. Esta jamais poderá fitar o Deus legislador. A aliança dêste com os homens, que passam a ser os seus sacerdotes, determina, desde logo, que serão êles os senhores das terras e dos filhos.

Mas com o regime agrícola é necessário despertar o sentido da propriedade. Ninguém deve ser vassalo de outrem. Então diz: "Sustenta-te com as tuas mãos".

Só o "principal" tem regalias, porque o "principal" é o aplicador das leis. E suas recompensas, por isto, devem ser limitadas. Nunca pode violar a lei que manda sustentar-se por suas mãos. Ainda que seus parentes e criados o ajudem, êle é sempre o primeiro a cair nos trabalhos das roças.

A civilização agrícola e pastoril do nordestino afinara-lhe, sobremodo, o instinto de conservação da sua casa. Assim sendo, a sua moral religiosa descambara para o fanatismo. Se os índios nunca saíram em guerra por Jurupari, o civilizado nacional do Nordeste saía pelos seus Santos, Taumaturgos ou Padres. A "honra", símbolo moral por excelência, assumiu a mais extraordinária elasticidade. Não mais sòmente a honra subordinada ao insulto, à ofensa física ou à violência sexual nas filhas môças. Também a "honra" política, a "honra" social, a "honra" da religião, a "honra" dos parentes, dos amigos e dos vizinhos. Uma sensibilidade metafísica mais dolorosa que poderia haver, disparando nas lutas de famílias, nas

"vendetas", no cangaceirismo, nas hordas fanáticas. O sertão passou a ser símbolo do tumulto. E — entre os pobres, os assalariados, os párias, os infelizes jungidos à vida de misérias continuadas — o misticismo lúgubre cobria os povos como onda sulfurosa.

Dominado, asfixiado e incapacitado pelo litoral, o sertanejo tornou-se intolerante e agressivo. Rude pela condição de um estado permanente de defesa numa terra assolada pelas calamidades. Impetuoso pelas contingências de um nomadismo forçado. Desconfiado por sentir-se perpètuamente explorado. Eis o homem.

Seu complexo moral estava cheio de dúvidas e fatalismos. Era um filho de Deus e um abnegado cristão. Porém, sempre oprimido e percebendo que havia condições melhores para certas categorias de homens, rebelava-se e aberrava dos próprios conceitos da disciplina religiosa e, nos momentos agudos, não tinha dúvida em colocar o seu Deus a serviço de suas vinganças.

Era um homem em plena perplexidade, diante de tão notáveis contradições. Mas sua esperança é que a terra havia de melhorar e a evolução das coisas o levaria a salvamento.

VI

É com esta ilusão que o nordestino desembarca no Acre. Eis que, de repente, como pesadelo, sente que a sua situação não só se tornou antitradicional como anti-evolucionista. O homem da economia agrícola e pastoril, em vez de cair na condição superior que seria a economia industrial da máquina, regredia, de golpe, para uma condição inferior: a economia florestal.

Faltavam-lhe tôdas as características do seu patriarcado: o padre, o mestre-escola, o juiz, a carroça, o boi, a igreja, os engenhos, o trem, o roçado e os núcleos familiares.

Via-se homem de tribo. Aquela massa humana, que se dividia pelas estradas de seringa, era tribos de seringueiros.

No reino dos seringais, o seringalista (patrão) era como o tuxáua. Já vimos quais as vantagens de um "principal" de clã ou de tribo.

Trabalhando para o seringalista, que ficava na margem do rio apenas recebendo o produto e vendendo-o, os seringueiros estavam para o seringalista como as tribos para seu "principal". E ainda em piores condições, porque o patrão não trabalhava nos cortes, como o "principal" nas roças e exercia um domínio opressivo sôbre os seus assalariados, o que não acontecia no comportamento de um "maioral" para com os seus companheiros.

Mas convém observar o espantoso da anomalia estabelecida entre a "moral" hereditária do nordestino e o "instinto" da surpreendente economia, mais velha do que a sua moral e que agora o empolgava, forçando a amizade mais singular de todos os tempos.

Na época do descobrimento, os nossos índios, conforme as tribos e situações geográficas, encontravam-se, uns, na fase superior do estado selvagem, outros, como os índios oleiros de Marajó, na fase inferior da barbárie, e ainda outros, como os *tupinambá,* na fase de transição entre estas duas.

De qualquer maneira, teriam que vencer três fases, até se avizinharem da civilização: a inferior, a média e a superior da barbárie.

Quando a civilização do colonizador os surpreendeu, forçou-os a um salto memorável sôbre três fases para "civilizarem-se".

Êsse salto estaria certo se, existindo condições próprias, mas estando proibidas de expandir-se (apenas por motivos tutelares), se arriscassem a êle as próprias tribos, através duma grande marcha conquistadora que surpreendesse uma civilização. Aproveitar-se-ia dela para melhorar as suas condições. Ou se, conhecendo já os recursos da civilização, por aproximação ou vizinhança, e não podendo dêles aproveitar-se, por exigências religiosas ou tradicionais, fôssem, em dado

momento, obrigados a um movimento revolucionário para conquistar suas melhoras.

Mas não foi isto que se deu. A civilização buscou-os na qualidade de conquistadora e o prêmio da domesticação foi a escravidão. Ela não lhes oferecia uma realidade de melhores condições práticas. Dava-lhes apenas uma nova moral.

Essa forma de "saltar" sôbre os processos autônomos da evolução produziu, sôbre o bugre do estado selvagem, o mesmo efeito que se verificaria ao distender-se, violentamente, um elástico sem, antes, perquirir-lhe a resistência: o fio arrebentar-se-ia no ponto mais inesperado.

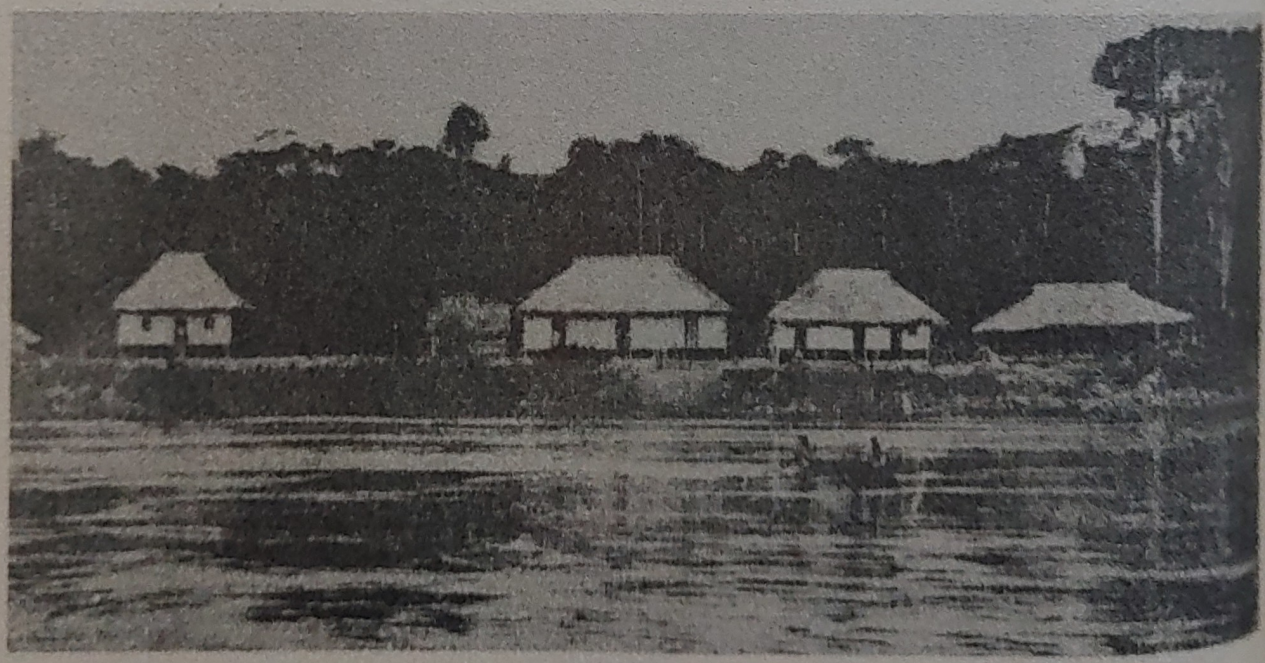
Eis, portanto, o quadro: a civilização, em vez de engordar o bugre, arrebentou-o. Da noite para o dia, com uma antecipação de séculos, o índio defrontava-se com a escrita, as armas de fogo, os objetos de aço e ferro, os navios, as carroças, o boi, o cavalo e as ordens religiosas. Da mandioca e do milho caía, repentinamente, na cultura do tabaco "o mais cruel trabalho de quantos há no Brasil", dizia Vieira, e, em seguida, na cana-de-açúcar.

Os que não eram nômades haviam alcançado, por uma precária cultura agrícola, fixações periódicas que não ultrapassavam quatro anos, não levando em conta as mudanças forçadas por via das guerras.

A economia do patriarcado civilizador assenhoreava-se do corpo gentílico e a moral do mesmo patriarcado escravizava-lhe a alma. O índio, antes livre, passava a ter obrigações para com o colono, o senhor de roças e engenhos, o capitão-mor e o padre. Não se limitavam a disciplinar-lhe o corpo. Iam mais longe, punham a ferros seus pensamentos, idéias, desejos, tendências, tradições. Não se contentavam em beber-lhe o sangue. Raspavam-lhe os ossos.

Tão brusca transição só poderia resultar em calamidade. O índio não podia assimilar tantas novidades. Tornou-se relutante, apático, desconfiado, áspero, ardiloso, hipócrita. Tornou-se raquítico e cheio de doenças. Foi mau agricultor, mau cristão, mau amigo do civilizado. Marchava de surprêsa em surprêsa, de escândalo em escândalo. Via o seu regime de

fotografia de
fulvio roiter



Amazonas — Tipos de habitação de seringueiros

"gens" disperso e acutilado. Via a parentela consagüínea dissociada e as tribos subdivididas. Via seus valentes "principais" rojados aos pés do vencedor. Via suas florestas invadidas, derrubadas, queimadas. Via ruína em suas tabas e miséria nas suas nações. Via Jurupari, seu Deus, escarnecido e deposto. Via suas mulheres arrancadas dos convívios maritais e atiradas no trabalho do colono invasor. Via por tôda a parte o fogo: nos arcabuzes e no inferno.

Tôda a geração indígena do descobrimento foi acometida de um soluço que reboou na selva como o último grito duma raça.

Ora, diante de tais imprevistos, o índio tinha que ser o que foi em face da civilização. Desapareceria da face da terra, de qualquer maneira: resistindo ou contemporizando.

Tôdas as tribos se dividiram em duas imensas correntes: a que se deixava escravizar, esperando sobrenadar ao pélago absorvente, e a que preferia fugir, resistir ou combater contra êle. Assim fizeram mundurucus, urubus, parijós, manaos, neengaíbas, parintintins. Muitos dos que conseguiram isolar-se, sobreviveram até hoje. Mas o índio comportava-se bem, junto ao civilizado, como soldado, a serviço dos colonizadores, nas guerras de expulsão. Porque a guerra era uma forma de liberdade e o seu instinto de encarcerado podia expandir-se nesses momentos.

Portanto, a civilização arrebentou o bugre. Êle não aguentou a repentina transição. Os que aceitaram a lavoura e a moral dos jesuítas não mais puderam reorganizar-se à imagem de suas tradições. As gerações sumiram em novos caldeamentos, onde o negro e o branco entraram como material de fundição. Tôda a sua vida de "civilizado" resumiu-se em permanecer na lama dos rios, nos buracos das florestas, nas beiradas dos ranchos.

Escravizado nas Missões, o índio "pacificado" nunca passou dum abôrto da civilização. Não poderia deixar de ser assim, visto jamais ter-se integrado na economia dos civilizados. Não assimilando esta, improváveis seriam os frutos da moral conseqüente.

VII

Aconteceu que o nordestino, ao chegar ao Acre, fêz o caminho contrário. Não "saltou", como o índio, três vêzes à frente. "Saltou" três vêzes atrás.

Como num filme, atravessou, aos recúos, as três etapas da barbárie e se encontrou num reino feito à semelhança da fase superior do estado selvagem. Não importa que o reino fôsse povoado de civilizados, que houvesse por ali o alfabeto ou instrumentos de aço e ferro. O que importa é o seguinte: a economia a ser explorada era a do bugre manso. A que recebia do civilizado o machado ou o terçado e dava em troca o pau ou o látex. Nada do Social e do Moral do patriarcado civilizado de plantação havia naquelas brenhas. Os meios de transporte, os métodos de trabalho e o gênero de vida eram, autênticamente, indígenas e seus processos ainda remontavam à época do descobrimento. Nenhuma diferença havia entre a clássica *pindoba* indígena, comprida e sem compartimentos, com o barracão dos seringais. Se havia lanchas, não deixava de haver canoas. Se havia novos caminhos, os principais ainda eram os antigos caminhos de índios. Dos índios ainda eram os remédios, os trançados, as defumações, as lendas, as superstições, os nomes, os utensílios e a forma de pagamento dos exploradores: objetos e tecidos.

O patriarcado de plantação do civilizado, de onde vinha o nordestino, estava submetido às regras de um regime de plantação superior. Tinha, em função, a autonomia familiar. Os critérios meramente intensivos (não técnicos), de subsistência, já estavam transformados em moral teológica e jurídica, da propriedade e da herança. O patriarcado de plantação do gentio consolidava-se no conceito das "gens", ainda saindo da fase obscura do matriarcado e do casamento de grupos (icamiabas). Seu regime era o do clã em lanços, funcionando comunalmente, isto é, ainda sem a idéia da propriedade individual, ainda que com o instinto da propriedade de grupos. Tal desinterêsse pelo senso da coisa própria levou Gabriel Soares a objetivar que os *tupinambá* tinham "uma condição

muito boa para franciscanos, porque o seu fato e tudo quanto têm é comum a todos os da sua casa que querem usar dêle; assim das ferramentas que é o que mais estimam, como das suas roupas, se as têm; e do seu mantimento".

Já os instrumentos de trabalho, adstritos à época da lavoura, tornam-se nas coisas mais estimadas, o que, fatalmente, determinaria mais tarde um critério de *moral* proprietária individual.

De maneira que o patriarcado gentílico se imbuía da mística instintiva, onde só havia auto-defesa e uma subordinação extremada à natureza. Ao cair no regime de economia do bugre manso, o nordestino deveria sofrer igualmente o inverso da calamidade gentílica em face da civilização.

Se o gentio estourou por distensão, o nordestino haveria de estourar por compressão.

Um arrebentado. Outro esmagado. Ambos vítimas de processos econômicos violentos que percutiam no extrato instintivo de um e no extrato moral do outro.

Entretanto, houve, quanto ao nordestino, uma reversão de valores. O esmagamento de suas peculiaridades de sertanejo não o inutilizava de vez. Servia para lhe reajustar a massa à terra e fazê-lo retemperar-se no grande barro.

Êle "descia" ao índio, mas levava condições intrínsecas para "subir" com nova estrutura.

Ao gentio faltara essa probabilidade de "subida". Só podia "subir", guardando suas capacidades atávicas e nunca destruindo-as, como destruídas ficaram na fusão com o patriarcado civilizado.

O pária do Nordeste, o renegado econômico do sertão, o escravo da fazenda e da bagaceira, estranhava, *moralmente*, a nova ordem, mas resistia fìsicamente a ela, porque a têmpera de seu viver não encontrava maiores provações materiais que as do sertão bastardo e pobre.

O valor natural, já processado de resistência, permanecia. O valor moral é que passava por estranhas experiências, aliás necessárias e lógicas : o meio físico impunha-lhe modificações

ao caráter de herança e seu novo caráter haveria de reajustar-se aos métodos de trabalho e às exigências da tipologia econômica em vigor.

O arrebentamento do cearense em transformações de acreano era como que, ao ser expremido, perdesse as banhas da moral do patriarcado religioso e ancestral. Restaria sòmente os músculos.

VIII

Quando o sertanejo penetrava nos "centros" acreanos, onde tocasse e para onde olhasse, só encontrava tradição de índio.

Só, na sua estrada, considerava-se em solidão.

Onde estavam seus parentes ? Quem eram seus amigos ? Onde encontrar a ponta do fio que lhe indicaria o encontro com a sua maneira anterior de viver ? Se era filho não achava os pais. Se era pai não achava os filhos, nem a mulher. Se era órfão não achava os irmãos, nem os tios, nem os padrinhos. Só.

É possível que os parentes o acompanhassem. Mas, positivamente, não estavam com êle, ali, no "centro". Estariam noutras estradas distantes ou na margem, esperando condução para outros e mais longínquos seringais. Essa dissociação familiar era outro fenômeno que o aproximava das condições do indigenato.

Era o que acontecia no tempo das "reduções" em que se separavam as mulheres dos maridos, irmãos de irmãos e os filhos dos pais ou vice-versa; nesse tempo em que as "gens" se pulverizavam no repartimento entre os colonos; tal e qual, agora, se reproduzia a cena, pois, nos regimes de seringais, dissociada e fendida ficava a família do patriarca civilizado.

Escravo da gleba e escravo do seringalista tuxáua, o nordestino tinha duas saídas : fugir do "centro" ou fugir do Acre. Já verificamos como era impossível a volta ao Nordeste. Sobrava, contudo, a oportunidade de "descida" para a margem.

O cearense ficou espiando essa "oportunidade" e eis que ela surgiu como contingência histórica: a guerra com a Bolívia.

Êste foi o momento em que êle, pela primeira vez, "se libertou". De novo, movimentava-se em condições de índio, porque, como o índio do descobrimento, também agora encontrava, no papel de soldado, um derivativo ao encarceramento e uma válvula de expansão aos seus recalques. Também como o índio, punha-se a serviço dos conquistadores econômicos (os proprietários), numa guerra de expulsão contra outros conquistadores econômicos (os proprietários bolivianos). Serviam aos senhores de terras brasileiras como os outros serviram aos colonizadores portuguêses.

Acreditava que o boliviano é que era responsável pelos seus sacrifícios nos seringais e que os proprietários nacionais eram também explorados pelo fisco estrangeiro (o da Bolívia). Tratava-se, evidentemente, de uma guerra de libertação, em qualquer sentido que pudesse ser encarada.

Por um momento, o seringueiro readquiriu todo o seu instinto libertário. A "descida" para a guerra era como uma fuga: a fuga do "centro".

Guiados por Plácido de Castro, que estava a serviço dos proprietários e que mais tarde seria um dos grande exportadores do Acre, os seringueiros, com a guerra, sonhavam quebrar tôdas as pesadas correntes que os amarravam, cruelmente, na grande selva. Nunca foram tão felizes, como nessa hora, em que queimavam os muros da Califórnia e pelas brechas entreviam as searas da Canaã. Largando a tigelinha, o balde e a machadinha, empunhavam o mosquetão. Três movimentos libertários os empurravam pelos atalhos e rios: livrar o Acre do boliviano; livrar os proprietários dos impostos; livrarem-se a si próprios da opressão dos "centros". Conforme lhes diziam, sua miserável situação não estava na vontade dos seringalistas, mas corria por conta do escorchamento boliviano e da ditadura do fisco sôbre a produção.

Depois da guerra, se vitoriosa, acreditavam que os proprietários passariam a ser seus irmãos, que poderiam, êles

seringueiros, possuir terras e bens, que os seus "saldos" seriam vultosos e que todo o sistema latifundista seria abalado para oferecer-lhes mais amplas possibilidades de vida.

O animal do patriarcado do Nordeste, livre dos seus parques de concentração, que eram os seringais, espojava-se na lama da gleba, no sangue do inimigo provável e, pela primeira vez, sentia que tinha fôrças para conquistar vitórias, fazer exigências e nivelar-se aos "patrões".

Quando terminou a guerra, expulso o boliviano e restaurada a ordem externa, o povo da Califórnia pôs-se a rondar as propriedades das margens dos rios. Em vez de desmobilizar-se na direção dos "centros", o exército popular espraiava-se pelos rios, nos beiços das torrentes. Os soldados pareciam querer resistir à entrada nas florestas. Queriam sobreviver, não só sôbre a calamidade da guerra, mas, igualmente, sôbre a calamidade dos "centros". Havia, para isto, novas condições.

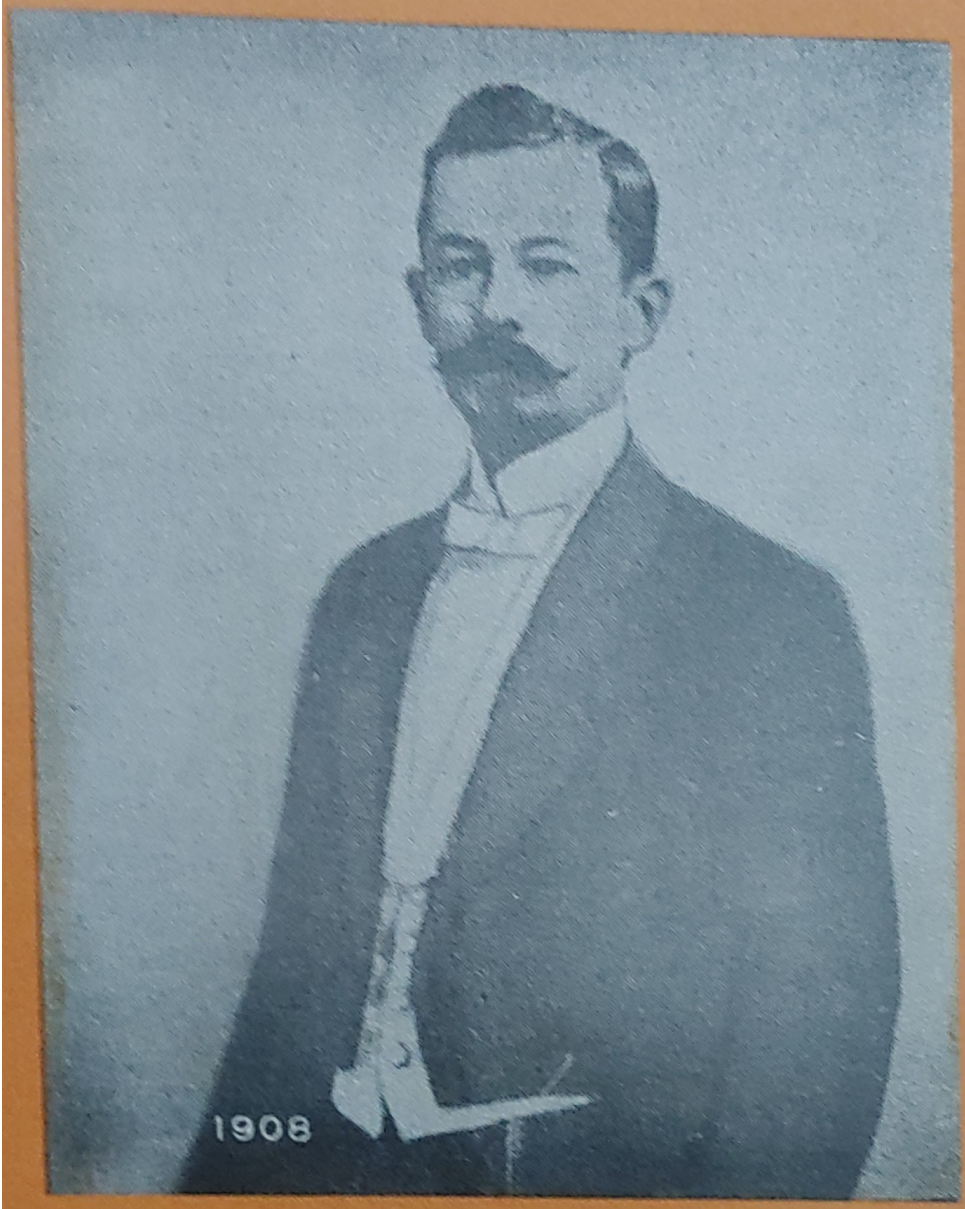
Enquanto as fôrças lutavam na frente, o povo da retaguarda, com o traumatismo econômico dos seringais, dava mostras de impaciência. Começou a refluir para as margens e os "centros" ficaram pràticamente vazios.

Nesta altura, Plácido de Castro lançou uma proclamação "isentando do serviço militar todos os que quisessem dedicar-se à lavoura".

Era preciso acomodar as gentes que se agarravam com fôrça às terras ribeirinhas. Tinha de ir-se ao encontro das tendências do patriarcado de plantação.

Plácido, mais tarde, justificou a sua atitude de maneira mais superficial. Temia "que com a continuação da guerra as suas fôrças tivessem de se medir com um segundo inimigo : a fome". E por isso "tratou de desenvolver o cultivo regular das terras", embora limitado a dois cereais : o milho e o feijão.

Portanto, se falava em "desenvolver" é que já existia essa cultura. Também não seria com o milho e o feijão que haveria de sustentar a sua tropa, em virtude da precariedade dêsse processo de alimentação. Plácido ia ao encontro d'alguma coisa, que êle próprio não sabe definir na ocasião, que, mais tarde, definida se torna, quando, depois da luta, o Acre se integra,



PLÁCIDO DE CASTRO

definitivamente, na exploração da cultura agrícola, ainda que a seringa continui a ser o principal produto.

E assim como o instinto de liberdade reacumula-se, em carga elétrica, nos sentimentos do sertanejo-guerreiro, também o processado de plantação, por via dos acontecimentos, voltava a atuar com energia entre os trabalhadores ainda não mobilizados. Entre a frente e a retaguarda, dois liames vincavam-se, entrosando-se : o aventurismo da guerra de libertação, determinando um conceito de plena autonomia individual e a subversão econômica por efeito da contenda armada, estimulando os recalques rurais dos velhos plantadores. Os índios da pequena propriedade e do patriarcado rural vinham à flor da crosta acreana.

E quando o nordestino planta o milho, eis quando torna a encontrar-se com o seu velho antecessor : o índio.

Quando lhe aceitou a economia, os "meios de transporte", os "métodos de trabalho" e o "gênero de vida"; quando "se libertou" com a guerra e quando, como os bugres das "reduções", se dissociou dos grupos familiares, o nordestino, insistentemente, tomava as mesmas posições do índio, quando oprimido pelo invasor. Na periferia dêsses movimentos, antes, o inimigo era o proprietário ultramarino; agora, era o proprietário boliviano ou o proprietário nacional.

A repetição dêsses encontros com as condições gentílicas tornava-se, històricamente, surpreendente.

Ao iniciar seus roçados de milho, o fenômeno reproduzia-se. O índio da fase superior do estado selvagem recebera a economia e a moral da civilização em pleno regime agrícola do milho. Agora, o nordestino do Acre, também com a cultura do milho, aguardava o seu regresso à moral econômica do sertão.

Isentar dos serviços militares "todos os que quisessem se dedicar à indústria da lavoura" equivalia a equiparar o ônus de guerra ao ônus da lavoura. Portanto, se, para Plácido, a agricultura do milho e do feijão era uma forma de guerra contra a fome, para o cearense plantador isto era uma forma de guerra contra o regime florestal. De maneira que duas mobilizações específicas se delimitavam na hora da luta armada:

a da frente contra o estrangeiro e a da retaguarda contra os "centros".

Depois da guerra, a tendência da plantação estava vitoriosa, assim como vitoriosos voltavam os soldados da vanguarda libertadora. O nordestino ganhava terras contra o boliviano. A cultura agrícola ganhava terras contra a indústria extrativa.

Essa arregimentação, em tôrno da lavoura, não denotava um novo ciclo econômico, nenhum regime, nenhuma forma de comércio. O que nela se distinguia, peculiarmente, era a moral do patriarcado de plantação, procurando base para reajustar-se e dar sentido às suas expansões. Sem a terra, a casa e o roçado, tôda a moral hereditária, determinada pela economia de plantação, seria subvertida totalmente pela promiscuidade dos "centros".

Como soldados da seringa, os sertanejos gozavam suas regalias anuais de folga (intervalo das safras) no barracão do seringalista. O barracão ficava na beira do rio. Aí, o homem só tinha uma distração: os navios. O barracão da margem passava a ser simplesmente um depósito de homens, um grande curral de seringueiros, que esvaziava logo em fins de abril, porque, em maio, começava a época dos cortes. Êsses barracões, feitos à maneira das velhas pindobas indígenas, de um só pavimento, como galpão de carga, eram mais uma condição de índio, oferecida ao seringueiro.

Do "centro" para o barracão, o seringueiro marchava da solidão para a promiscuidade. Aí encontrava companheiros, mas não parentes. Encontrava a sua classe, mas não a sua família. Encontrava patrícios, conterrâneos, colegas, mas não coisa alguma que fôsse um prolongamento ou um símbolo da organização patriarcal, donde "descera".

Com o roçado, era possível a barraca. Com a barraca, a mulher e os parentes. Com a mulher, os filhos. Com a família, a aplicação das leis teológicas que lhe forravam a moral dos costumes.

Após a guerra, dava-se o seguinte: "Os resultados surpreendentes, por êle obtidos (os que se dedicaram à lavoura), atestado frisante da uberdade do nosso solo, fizeram ver os

benefícios que se poderiam esperar de tão vantajosa prática; os proprietários de seringais secundaram a nossa propaganda, prestando valiosíssimo concurso à idéia que haviamos lançado, e, em breve, terminada a guerra, a necessidade do cultivo das terras se havia de tal modo arraigado no espírito dos habitantes do Acre, que não mais deixaram de fazer, anualmente, pequenos roçados."

O trecho acima, de um relatório de Plácido, esclarece: primeiro, que depois da guerra, o cultivo das terras passou a ser uma realidade para o reajustamento das fôrças dispersas do patriarcado rural do nordeste; segundo, que as plantações, as roças eram de seringueiros, feitas no intervalo das safras, anualmente.

Portanto, o sonho da "margem" contemporizava com o pesadelo do "centro".

Com o roçado, ensaiava-se a pequena propriedade. O homem da seringa ressurgia todos os anos no homem da lavoura. Mas o essencial é que, resolvido a plantar, estava, para o nordestino, resolvida a permanência.

Não voltaria mais para o Ceará, encontrava novas condições para sobreviver. E foi êste o fator que impediu, mais tarde, com a decadência da borracha, o êxodo total das populações adventícias. A parte já radicada com a lavoura permaneceu e salvou-se no cíclo da castanha.

Não resta dúvida que a guerra do Acre é que deu impulso à lavoura. O nordestino acreanizado completava a subversão política, mas iniciava a subversão econômica e, com esta, a recomposição moral das suas tendências.

Mas, também, não resta dúvida, que, sem as precárias condições econômicas que regulavam a escravidão nos seringais, não haveria homens para combater a Bolívia, nem homens para fazer a lavoura.

Logo em seguida à cultura agrícola, e como sua conseqüência imediata, surgiu a criação. Enquanto nos roçados se plantava o feijão, o milho e a mandioca, nos alagadiços e campos iniciava-se ou incrementava-se a plantação do capim colônia, do "gordura", do jaraguá e da canarana.

O gado boliviano começou a descer e a vagar nas novas pastagens.

O patriarcado de plantação alargava os seus domínios e as suas perspectivas. Um rumor de humanidade mais adulta festejava nas margens o regresso dos homens do "centro", acalentava-os com possibilidades mais dignas, dava-lhes, afinal de contas, um "caráter" mais sòlidamente acreano.

O seringueiro fixava-se e a família acreana aumentava os seus núcleos.

Porém, o patriarcado do Acre, na hora da assimilação definitiva, não é mais o patriarcado do Nordeste. É um meio têrmo entre as duas economias: a do bugre manso com a seringa e a do civilizado com a plantação. Nem o instinto comunal do gentío, nem a moral fanática do colonizador. Nem a índole nômade e rebelde das tribos, nem o caráter egocêntrico da família. Nem a promiscuidade sem regra, nem o convívio sem periodismo. É uma forma de civilização, sim, mas é, em verdade, a civilização acrena, tìpicamente definida entre a floresta dadivosa, os campos promissores e os roçados florescentes.

O patriarca da seringa não prende os filhos como o patriarca do velho regime. Solta-os na pescaria, na caça, em tôdas as distâncias perigosas. Cria-lhes o instinto da aquisição por conta própria, de deliberação espontânea, de autodefesa permanente. Não há quintais nem jardins : há florestas. Não há ruas nem estradas : há rios. O filho-curumim, desde os seis anos, foge à tutela subsidiária dos pais. Conhece todos os furos, lagos, igarapés, corredeiras, tabuleiros, viveiros e peráus. Possui do índio o fôlego, o ouvido, a atenção e o faro. Também masca o seu tabaco, bebe a sua pinga, possui a sua febre. Todos os dias se enterra na lama, sobe nas árvores, vadeia os rios, dorme nas tocáias e surge nos roçados com as suas fartas provisões.

No roçado campeiam porcos, galinhas, aves selvagens, cherimbabos. A mulher rendeira já armou a sua almofada, já está trançando os seus bilros de tucumã. Ela e as filhas vigiam os roçados, da mesma maneira que as mulheres índias faziam, quando os filhos e os maridos seguiam para a guerra.

Em todos os atos surgem fios de contacto entre a ancestral condição indígena e a contemporânea situação do colono. Entre uma e outra oscilava o "instinto" da velha raça e a "moral" da mais nova.

Todo o barro de formação do homem novo do Acre era indígena. A consolidação acreana resultaria, fatalmente, da ebulição de duas entranhas. O metal, que as ligasse, seria o metal do homem acreano.

E quando o nordestino se transforma em acreano, perde logo as suas duas principais características, perante a história : a do fanatismo e a do cangaceirismo.

As influências pagãs das selvas derrotam suas místicas e as reeducam. As facilidades florestais de caça e pesca proibem a organização de bandos armados, com a função de extorquir, das fazendas, os meios de subsistência. O "caráter" do sertanejo modificou-se neste ponto. Nenhum dos dois Antônios pôde surgir no Acre : nem o Conselheiro, nem o Silvino.

Nas estradas das seringas ou nos escoadouros dos rios, jamais passearam pés de beatos, santos, taumaturgos ou profetas. O nordestino passava a adquirir os índices psicológicos do caboclo, isto é : ganhava em resistência e perdia em agressividade. Ganhava em fatalismo, renúncia, solidariedade e otimismo, assim como perdia, de vez, em insofreguidão, pressa, oportunismo e desespêro.

A terra do dilúvio soprava-lhe dos olhos a noção do deserto.

O produto cósmico transformava-se em produto telúrico. Não era mais o filho do raio e do fogo, mas o filho das águas e das árvores. A sua febre não era mais celestial, não descia da atmosfera. Ao contrário: subia do chão, da lama, do barro. Não era febre que matava, que arrasava um povo, como terremoto. Diferente : possuia-o devagar, dava-lhe o frio em vez de queimá-lo e se o homem conseguia absorvê-la tôda e retemperar-se nela, então deixava de ser um mal e substituia-se em milagre : imunizado ficava contra doenças piores. E disto mais tarde a ciência haveria de tirar a malarioterapia.

IX

Em 1930, a situação agrícola do Acre já é notável. As terras "são cultivadas com sucesso e *espantam pela abundância com que produzem.*"

Não se trata mais tão sòmente do milho, do feijão e da mandioca. "Já se faz a cultura do café, da *cana-de-açúcar,* do algodão, do arroz, da batata e do fumo".

Começam a surgir zonas distintas de lavoura. "De todos os municípios é o do Juruá o que presentemente mais produz, *tendo já uma promissora exportação,* seguindo-se-lhe o do Purus."

A pecuária, ainda que rudimentar, estabiliza-se "nos campos de Palmares, Capatará, Emprêsa; Rio Branco no Juruá; e outros nos municípios do Purus e Tarauacá."

A economia florestal, por sua vez, apresenta possibilidades múltiplas. "À porfia com a hévea, com o caucho e com a *Bertholetia Excelsa,* crescem o cacau, a canela, a salsaparrilha, a quina, a ipéca, o rícino, a copaíba, a baunilha, a macela, o mururé, o jambu e muitas outras oleoginosas e medicinais, afora um sem número de palmeiras e plantas textis, entre as quais o babaçu e a bombanache, de cujas fibras se tecem os famosos *chapéus do Chile.*"

O quadro das madeiras é vistosamente importante. Madeiras para construção civil e naval como "o acapu, abiorana, acariquara, andiroba, acariúba, louro, arueira, iritu, bálsamo, carapaúna, castanheira, cumaru, cedro branco, cedro vermelho, cedro bravo, cumaru rôxo, feijó, juti, maçaranduba, piranheira, marupá, itaúba, piquiá, sucupira, pau-d'arco, tátájuba etc. Madeiras para marcenaria : muirapinima, pau-violeta, pau-rosa, pau-marfim, muiragibóia, cumaru, pau-mulato etc.".

Tais dados, fornecidos por um Relatório do dr. Hugo Carneiro, ex-governador do Acre, mostram como a subversão econômica do Acre pôde fixar melhor o adventício, com a lavoura, a pecuária e novas indústrias florestais.

A freqüência escolar, apesar das distâncias e das populações espalhadas nos varadouros, atingia, em 1929, a cifra de quatro mil crianças.

Quatro mil jovens preparavam-se para estabilizar, cada vez mais, a organização social acreana. O seringueiro deixava de ser o solitário das matas. Já se distinguia, intensamente, como homem de prole.

Nas notícias das lutas acrenas, os crimes dessa região tiveram particular relêvo, havendo sociólogos que tiraram as seguintes conclusões : o acreano estava moralmente incapacitado de governar-se por si mesmo e só um regime de "estado de sítio permanente" lhe poderia resolver o problema de cultura e de ordem.

Isto negava a possibilidade duma civilização acreana, por evolução própria.

Efetivamente, enquanto a organização familiar não tomava pé no Acre, as violências dos seringais tiveram sombria notoriedade.

Hoje, trinta e cinco anos depois que o patriarcado de plantação conseguiu reorganizar-se, paralelamente ao regime de economia florestal, o Acre deixou de ser uma terra dramática.

Convém saber, se os choques, entre indivíduos e grupos, podiam ser levados por conta da turbulência, já consagrada, do sertanejo ou se êste era apenas uma vítima das circunstâncias. Entre o homem e a condição econômica, entre as tendências atávicas, subjetivas, e as realidades objetivas do meio, convém esclarecer o que era a bomba e o que era estopim. O que continha o material deflagrador e o que, por soberanas contingências, era apenas o conduto entre o fogo e a explosão. Não há dúvida de que o homem era simplesmente estopim. O que se revolvia em estilhaço e pó, o que tinha entranhas de vulcão, eram as contingências econômicas. O fogo do estopim eram as irritações comerciais pelo maior volume e pelo menor valor, pela maior fôrça de trabalho e pela menor troca de salário. Era o desequilíbrio continuado entre o esfôrço e a recompensa.

Havia, nas deliberações do homem, mais instinto de conservação do que de agressividade.

É, pois, êrro admitir-se que ao povo do Acre coubesse a responsabilidade de paixões desgarradas.

O drama do patrão e o drama do assalariado definiam-se, concretamente: o primeiro lançava mão da violência para que não lhe faltassem braços. Por isto reagia contra as deserções e espalhava nas estradas e nos varadouros o seu exército de "cabras". O segundo eliminava, para libertar-se.

Defrontando-se com a economia florestal, o seringalista estatelava-se diante dos mesmos transes do colonizador português, quando êste, com a fôrça das armas, procurava manter braços de índio nas suas lavouras. O índio, para o colono ultramarino, era uma questão de vida ou de morte. Perdido o índio, pôde substituí-lo pelo negro. De qualquer maneira, sem os braços dos escravos, tôda a máquina produtiva da Colônia se desmontaria. O problema era o mesmo para o seringalista brasileiro. Enquanto nas fronteiras os proprietários bolivianos conseguiam mobilizar os índios caucheiros a seu serviço, o proprietário brasileiro só podia contar com o braço livre. Então, não tinha outro remédio senão assumir o papel do antigo colono português, transformando em questão de vida ou de morte a permanência nos seringais dos assalariados.

E assim, como acontecia com o seringalista, nessa forma de contacto com o antigo proprietário das roças brasílicas, acontecia com o assalariado dos seringais que, por fatalismo histórico, tomava também as mesmas posições de luta que o índio do descobrimento tomava contra os proprietários estrangeiros.

Os motins e os atentados pessoais das florestas acreanas existiam por fôrça de hereditárias tendências, de impulsos criminais atávicos ? Tais fatos se processavam, por que se tratasse de "jagunços explosivos do Itapicuru e do São Francisco", de "cangaceiros do Parnaíba" ou "sertanejos rebeldes do Cariri" ?

Respondemos que não ! E repetimos : todos os acidentes só podiam ser circunstanciais. É claro que não nos referimos às aberrações, mas apenas tomamos o pulso do quadro geral

dos acontecimentos, onde não cabem atos singulares ou esporádicos, de nenhuma repercurssão nas análises, e sim o que deve interessar a certas conclusões sôbre o procedimento da coletividade.

Ainda que se defrontasse com inferiores condições de economia e de cultura, o "caráter" do nordestino não sofreu, por isto, um rebaixamento que lhe arrebentasse tôdas as cordas da sociabilidade, ganha em quatro séculos de civilização.

No Nordeste havia lutas políticas e religiosas.

Antes da guerra com a Bolívia, não poderia haver política no Acre. O Vale era ainda o deserto ,"terras não descobertas". Não havia cargos políticos a disputar-se.

Depois da guerra, surgiram os crimes políticos, orientados pelos elementos adventícios, não ligados à massa dos exploradores e conquistadores do Acre, pelos próprios agentes do Govêrno Federal que, para lá seguiram, a fim de impor, naturalmente, a marcialidade lacedemônia, preconizada mais tarde, por um pensador patrício.

De crimes por ódios religiosos, não temos notícias. Mesmo já observamos que o fanatismo do sertão se desencantou na selva.

Restam as lutas econômicas. Estas seriam fatais, como foram nos castanhais e seringais de tôda a Amazônia, nos garimpos de Mato Grosso e Goiás, nos sertões do Nordeste, nos engenhos da Bahia e Pernambuco, nos cafèzais de São Paulo e em todos os lugares ainda fora do amparo de leis sociais, reguladoras.

O seringueiro escorchado, oprimido, vigiado e maltratado, havia, por vêzes, de rebelar-se. Instinto de conservação. Legítima defesa. Para isto não precisava que seus protagonistas fôssem jagunços ou sertanejos. A história é farta de episódios sangrentos entre escravos que querem libertar-se e senhores que querem oprimir.

Em 1929, dizia uma autoridade policial do Acre: "É ainda o nosso defeituoso regime de trabalho uma das causas determinantes das desavenças comuns entre os proprietários e seringueiros."

Os proprietários serviam-se dos "cabras" para vigiar os seringueiros. Êstes reagiam contra os "cabras" e amotinavam-se contra os patrões.

Há que distinguir, então, o "cabra" e o seringueiro, o que agride e o que se limita a defender-se. Os "cabras" nunca representavam mais do que dez por cento dos assalariados de um seringal. Não seria, pois, pelas proezas de alguns "cabras" que se destacariam as tendências boas ou más do povo do Acre.

Se os executadores de certos crimes eram "cabras", se êsses "cabras" eram jagunços e tais jagunços eram sertanejos, isto não quer dizer que o povo do Acre fôsse composto de "cabras". Não se poderia responsabilizá-lo pelo procedimento de determinada minoria. Os fatos políticos nacionais estão cheios de episódios estarrecentes, sem que, por isto, se entenda de caçar a autonomia dos Estados, onde tais fatos se verificaram.

Onde melhor se deveria colhêr dados para demonstrar a "ferocidade" do homem do Acre, senão na guerra com a Bolívia, quando a exacerbação coletiva atingira o paroxismo ? E o que vemos ?

Vemos Lino Romero, delegado da Bolívia, situado em Pôrto-Acre, agradecer a Plácido de Castro, chefe da Revolução, "La hidalguia que manifesta en la manera de tratar a sus prisioneros." E felicitar o mesmo chefe "por su elevada conduta, asi como a sus compañeros de campaña." Vemos Plácido afirmar : "Jamais fuzilamos nas praias indivíduos inermes tomados como prisioneiros; ainda não desfeiteamos um prisioneiro". Vemos o coronel Rosendo Rojas escrever de Antimari, a Plácido, depois da sua (dêle Rojas) capitulação : "Los prisioneiros después de firmada a capitulacion y entregado el puesto de defensa, han sido tratados con las maiores consideraciones y atendidos en todas sus necesidades." Vemos Plácido, depois da paz, ser carinhosamente recebido em Riberalta, com enormes demonstrações de simpatia pela maneira humana com que fôra conduzida a guerra do Acre.

Muitas revoluções no Brasil ficaram caracterizadas pela explosão de práticas selvagens; algumas, até nos Estados onde não havia motivo para descrêr-se de sua adiantada civilização.

No entanto, os "jagunços" do Acre comportaram-se de modo a desmentir, antecipadamente, os sociòlogos desiludidos de sua civilização.

Em 1927, "verificaram-se, em todo o Território, 27 crimes de morte e, em 1928, apenas 14". Ainda em 1928, nenhum motim, nenhuma sublevação e nenhum saque. E em todo o Território apenas 4 inquéritos sôbre roubo.

É preciso também notar que nenhuma rebelião popular teve lugar no Acre, depois dos acontecimentos de 1902, que levasse cunho de reivindicação de seringueiros. As que houveram, debeladas, aliás, com o auxílio dos próprios seringueiros, levavam cunho de reivindicações políticas. Era a luta pela autonomia.

É necessário, a respeito, observar : o processo de autonomia revelava o processo de fixação, a mais elevada fórmula demonstrativa da incorporação do conquistador ao deserto. Êste sentimento de capacidade controladora só se tornou possível, quando se rompeu a frente monoextrativa da seringa. Pela brecha, puderam passar os pioneiros da plantação.

Despertado o instinto coletivo da propriedade, em vigília ficava o estado potencial da economia política. O povo assalariado criava condições específicas para o Estado latifundista. Os quadros da pequena propriedade agrícola seriam apenas limites entre o Estado e o latifúndio, entre a grande propriedade econômica e a grande propriedade política.

Para o latifundiário pensar no Estado, convinha existir a base popular. A base só poderia surgir com a fixação do homem à terra. Essa fixação só se tornaria viável com a forma econômica primitiva, determinadora da permanência dos grupos : a plantação. Nos regimes preparatórios da civilização, sempre coube, à agricultura e à fixação do homem à terra, a tarefa de criar o complexo jurídico da estabilidade orgânica e, em seguida, o complexo social da conduta política.

Êste, o caso típico do Acre, de maneira alguma desertor da padronagem que caracteriza a transição do feudo ao burgo.

Mas não se dirá, ao verificar-se, estatìsticamente, a normalização do trabalho, que o assalariado se capacitou da sua insuficiência em reagir contra o esbulho e a tutela.

O que se deu foi isto : ao recompor o seu patriarcado de plantação, o assalariado tomou pé em terreno social. De maneira que seus processos de luta mudaram. Convenceu-se de que não adiantava o movimento isolado, a insubmissão individual, a ação dispersiva. Compreendia melhor a vantagem dos institutos jurídicos, acauteladores dos direitos do homem. Podia transformar a lei num instrumento contra o opressor. Então, em vez de atitudes voluntariosas, mais exacerbantes que úteis, começou a procurar as autoridades e a valer-se delas contra os desmandos do proprietário. E, por isto, "já vai longe a fase de arbítrio com que cada seringalista defendia o seu direito de posse, sobrepondo-se, hoje, o princípio da autoridade e o consciente respeito à lei".

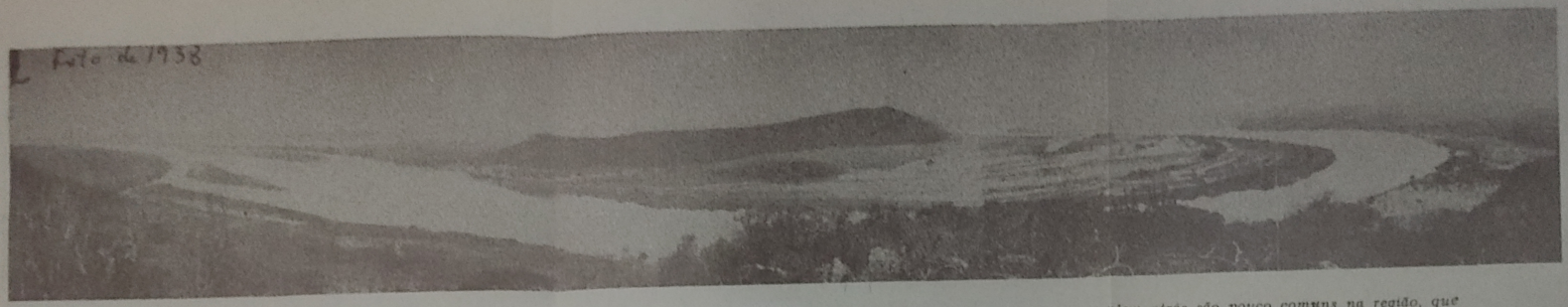
Mas, não resta dúvida, que a política territorial, sendo uma conseqüência de diretivas econômicas, sempre estaria sob o contrôle dos proprietários, desde que tôda a economia oscilava em suas mãos. Por isto, nem sempre o assalariado encontrava bom amparo nas leis, bem mais elásticas na satisfação dos interêsses latifundistas.

Portanto, seus protestos passaram a manifestar-se em forma de greve branca, resistência ao trabalho ou abandono em massa dos seringais. De qualquer modo, a expressão coletiva de seus protestos revelava um princípio harmônico de consolidação social.

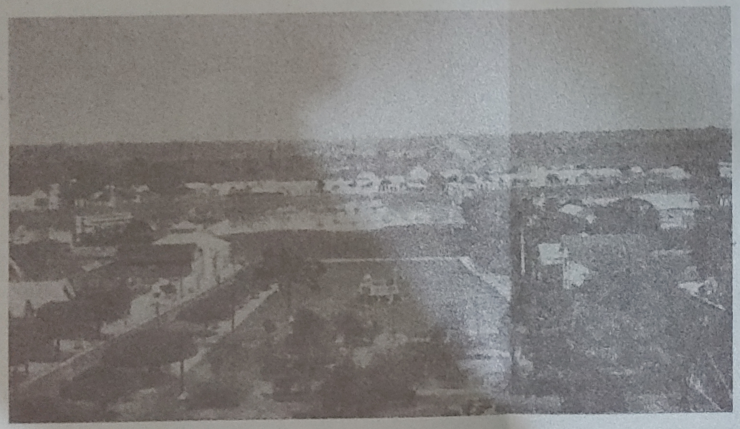
O californiano insociável tornava-se um místico da ordem estatal. Com a organização jurídica do Território, a preparação agrícola e pastoril e a volta dos cultos religiosos, êle reencontrava o Govêrno e o Juiz, a Igreja e o Padre, o Roçado e o Boi. Alcançava, aí, a fase do processo urbano — avanço da estrutura rural.

A economia florestal, sempre periódica pelas distâncias, criava também o homem periódico da plantação. O acreano continuava a assistir, intercaladamente, ao "centro" e ao roçado, à seringueira e ao cereal. Donde resultava mais uma curiosa peculiaridade : o homem periódico do Acre.

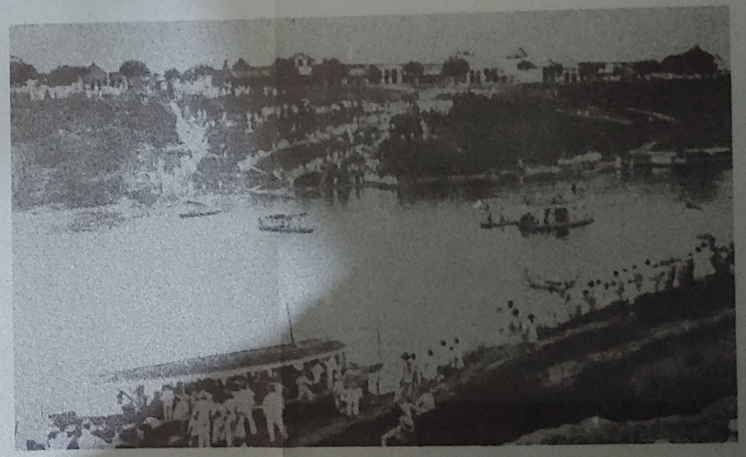
Estamos no instante em que o Acre absorve, totalmente, o nordestino. Êste já possui seus tratos de terra, sua barraca



O rio "Acre" em plena vazante um pouco a montante da cidade de Rio Branco. A elevação alongada e as duas outras que se vêem atrás são pouco comuns na região, que se apresenta quase totalmente plana. Parte da mata foi derrubada por uma companhia importadora de gado da Bolívia, a qual conseguiu obter as pequenas extensões de campo que vemos. No canto direito da foto lobrigamos uma soqueira de "cactus" que, aliás, não é da flora acreana



A cidade de Rio Branco. No primeiro plano o bairro de Penápolis, onde se acha a administração do Território. Na margem direita, que é muito mais baixa e sujeita às inundações, nota-se o bairro da Emprêsa, onde está localizado o comércio, em geral nas mãos de sírios e portuguêses. As casas são, na maioria, de madeira, cobertas de zinco e telha importados de Belém. O major DJALMA DIAS RIBEIRO *levou alguns oleiros do Pará e começou a fabricar ótimos tijolos e telhas. No fundo, notam-se alguns campos obtidos com a derrubada da mata*



A cidade de Rio Branco é cortada pelo "Acre" que, quando enche, alaga, totalmente, a margem.
2.º plano: A população assiste a uma animada regata

In "Acre e suas possibilidades" (Amazônia Brasileira)
ensaio de Lima Figueiredo

própria e uma família organizada. Livrou-se da comunidade do "centro" que se aglutinava, uma vez por ano, no barracão da margem. Não é mais o indivíduo isolado, perdido, sem mulher. O "centro" não é mais a triste viagem. É o rumo que tem roteiro. Na casa da roça, esperam-no a mulher e os filhos, as plantas e os cherimbabos. Não é mais a pecúnia que arde nas mãos, mas a que já se integra num patrimônio e já tem promessa de herança.

O Acre já se divide, abertamente, em categorias de homens distintos. Os solteiros vão gastar os lucros das suas safras nas casas públicas do Xapuri, Rio Branco, Vila Seabra ou Sena Madureira. E os casados estão cachimbando na soleira de suas habitações, vendo o rio, os filhos, e os bichos correrem, como se êle fôsse um eixo, algo que governa, dirige, orienta. Alguma coisa alcançou o seu destino e ali está, harmonioso e objetivo. Porque harmonioso, belo e objetivo é o destino do homem que amou uma terra, até o ponto de descarnar-se por ela e, sôbre ela reaparecer, dominando-a, depois.

Sim, ali está o patriarca do Acre. Mas para conseguir êste milagre teve que derreter-se numa lama só. Sofrimentos, lutas, desigualdades, convulsões o sacudiram e depois o plasmaram. Mas o grande plasma não é êle : são os filhos; a geração do novo Acre, todos os que nasceram já integrados e desenvolvidos na nova ordem.

Daquela nuvem de gafanhotos que caiu no Acre, surgiu um exército de homens, religiosos, mas não fanáticos; bravos, mas não coléricos; crentes, mas não idólatras; supersticiosos, mas não intolerantes.

O futuro social do Acre revelará um povo bastante forte e solidário. Forte por via das lutas, sofrimentos e vicissitudes que atravessou com o fim de conseguir a sua integração no vale longínquo. Solidário porque cresceu e se consolidou entre recursos, métodos e sacrifícios, comuns a todos os grupos entre si.

Mares ou rios depositam nos lugares preferidos todo o arsenal de seus sedimentos: argila, seixos, conchas, sementes, plantas. Primeiro é como um quisto submarino, atrofiando a

capacidade dos leitos, fazendo aumentar o volume das superfícies, criando vagalhões importunos. Assim se forma o delta, que mais tarde aflora, cresce, anda, possui, firma-se e domina. Então é ilha, promontório ou península. Um dia, cai, aí dentro, a ave ou o homem. Nesse instante, a terra nova se integra ao mundo e banha-se com o sol da humanidade.

O nordestino foi uma vaga assoladora do Acre. Todos os seus valores depositaram-se nesse deserto. O deserto aflorou sôbre a vaga. Sedimentos parciais — morais e econômicos — estratificaram-se e, perante o mundo, evoluiram em grande e inesperada contribuição social.

Daí surgirão, fatalmente, um dia, novas ondas colonizadoras, para solitárias regiões, ainda virgens, do Brasil ou da América.

Nesse momento a história há de surpreender-se com os acreanos, da mesma maneira como os indus se espantaram com os babilônios.

São Paulo, 1940

APÊNDICE

Páginas	
52-55	"Vida do Barão do Rio Branco" - de Luiz Viana Filho, uma obra prima. Feito maior, em cultura política, o de Rio Branco no caso do Acre. Senso da realidade, além do senso jurídico de Rui. Viva o Barão!
56-60	Encontros com a Amazônia. Vitrina. Deferências com espírito público.
61-62	A lei no Acre.

Coleção Documentos Brasileiros

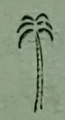
Dirigida por Octavio Tarquinio de Sousa

106

LUIZ VIANA FILHO

A Vida do Barão do Rio Branco

Com 16 ilustrações fora do texto



Livraria José Olympio Editôra

Rio de Janeiro — 1959

pendência os
noutra esfe ej
firmar-me at
dades prát a
jeto." Re a'
escrevera a ac
penso (já
ela me pas a
beiço."[5]
à mão. P ti
tão afeito erar. Certa feita, Dumontier, o bom mage
Paris per ra-lhe qual o mais nobre atributo da persona-
resignação. Paranhos ia usá-la em grandes doses.

Que era a questão do Acre? Surgida nos tempos coloniais, quando pouco se sabia da região disputada pelo Brasil, a Bolívia e o Peru, o litígio tivera soluções diversas e instáveis, até que, em 1867, premido pela Guerra do Paraguai, para acalmar a Bolívia, assinou o Brasil com esta o Tratado de Ayacucho. Quando se esperava cortado o nó górdio, um mundo de dúvidas surgiu do tratado.

Além de outras indagações, que levavam a conclusões antagônicas quanto à fronteira por adotar, não se logrou fixar seguramente as nascentes do Javari, uma das chaves do problema. Naquele emaranhado de rios, águas em busca de leitos definitivos, elas haviam variado de explorador a explorador. Escondia-se "a fonte principal dêsse rio misterioso, quase encantado", diria von Hoenholtz (futuro Barão de Tefé), que, em 1874, procurara aquelas nascentes. Depois dêle, Taumaturgo de Azevedo, Cunha Gomes e Luís Cruls também as haviam buscado, e cada qual as encontrou num ponto diferente. O rio encantado fugia à curiosidade dos geógrafos. Mas não era só. Assente que o Javari surgia bem ao norte da latitude sul 10º 20', como correria a fronteira, que devia partir da confluência do Beni com o Madeira nessa latitude? Por um paralelo, flexionando depois em demanda das misteriosas nascentes, ou por uma oblíqua, que, daquela confluência, iria direita às fontes do Javari? Esta última, dizia-se, fôra a solução aceita por Ponte Ribeiro, diplomata brasileiro que, em 1860, tratara do assunto com a Bolívia, e a consignara no famoso *mapa da*

5. Carta de 18 de setembro de 1898. Original do Sr. Süssekinde de Mendonça.

linha verde. E o *uti possidetis*, sempre invocado pelo Brasil na demarcação dos seus limites, e que o Tratado de 1867 reconhecia? O certo é que a nação se dividiu em dois campos extremados e inconciliáveis. O Acre agitava.

Discussão sem fim. Ávidos de riqueza, atraídos pela opulência dos seringais, milhares de brasileiros haviam povoado a região, geogràficamente inacessível aos bolivianos. A ambição não os deixava esperar pelos diplomatas. Vários choques armados assinalavam o estremecimento das relações entre os desbravadores e os representantes da Bolívia. Em 1899, Luís Gálvez, "enigmática figura, misto de aventureiro e letrado, quixotesco e atrevido", iniciou uma revolta, de cujas cinzas, em junho de 1902, conhecida a concessão ao Bolivian Syndicate, Plácido de Castro, homem bravo, idealista, fêz renascer uma nova revolução, desfraldando a bandeira da independência.

No entanto, a exemplo de Dionísio Cerqueira, fiel ao *mapa da linha verde*, Olinto seguira-lhe as pegadas: "Para o Brasil — declarou em nota ao seu representante em La Paz — o território do Acre é boliviano em virtude do Tratado de 1867. O Peru pretende que é seu, já tem tentado entender-se com a sua vizinha a êsse respeito e ainda há pouco quando teve conhecimento do contrato de arrendamento, protestou contra êle. Há, portanto, litígio, mas entre a Bolívia e o Peru." Lavava as mãos. Mas, à vista das vitórias rebeldes e das repercussões anunciadas pela Bolívia, a nação deu mostras de aspirar novos rumos para a questão. Prestigiosas corporações (entre estas contavam-se a Sociedade de Geografia e o Clube de Engenharia) e eminentes personalidades polarizavam a opinião latente do país, em geral favorável à "linha oblíqua". Como, no entanto, deslocar o assunto do ponto em que fôra colocado?

Achar o bom caminho — eis a tarefa de Rio Branco. Cabia-lhe, no poder, deslindar o novêlo, que haviam embaraçado.

Depressa a cidade habituou-se à imponente figura do "filho pródigo": "alto e corpulento, majestoso na sua singeleza, grande calva rosada, grandes bigodes meio requeimados pelo cigarro, olhar claro, severo e doce, fraque prêto, calças brancas e chapéu panamá, ou fraque prêto, colête branco e calça listrada e cartola", eis o novo chanceler. Livre de certos preconceitos, trazendo na alma ainda muito de Juca Paranhos, era simples e cativante. Assis Brasil, que o conheceu de perto, dirá que nêle "o que antes de tudo feria a atenção de quem o defrontava era a profusa irradiação de simpatia, que ressumava de tôda

Rio Branco continuava infatigável. Havendo os bolivianos desistido da indenização em troca de grandes áreas territoriais, a questão tendia para um ponto morto. Para evitá-lo, iniciaram-se novos entendimentos. Contados pelo próprio Rio Branco: "Começamos, entretanto, o Sr. Assis Brasil e eu, a trocar idéias com os plenipotenciários bolivianos, em repetidas conversações particulares, que se passavam em Petrópolis, e a estudar o meio de encontrar terreno sôbre que nos pudéssemos aproximar e entender, antes de abrir conferências formais em que tomaria parte o Sr. Rui Barbosa, a que não podíamos razoàvelmente pedir que se distraísse dos seus trabalhos no Senado para participar de tão largas e enfadonhas tentativas. Tinha eu, porém, o cuidado de o informar de tudo quanto de substancial se ia passando e de lhe pedir sempre o seu parecer." Assim, aos poucos, à medida que o chanceler aumentava as compensações pecuniárias à Bolívia, restringiam-se as territoriais, embora não chegassem a desaparecer. A princípio, Rui esteve de acôrdo. Tudo fazia crer que êle chegasse a bom têrmo, quando a 14 de setembro, após uma conferência, na véspera, com Rio Branco, lhe escreveu, dissentindo da orientação seguida: "Razoàvelmente, não se poderia duvidar que fosse um bom negócio ficarmos com um território imenso, de uma fertilidade maravilhosa, a que estão ligados os interêsses de uma numerosa colônia brasileira, a trôco de algumas léguas de terra inculta, insalubre, e despovoada. Esta a minha opinião individual. Mas no estado do espírito público, com as influências desorganizadoras que hoje atuam sôbre a opinião, não creio que a pudéssemos convencer dessa verdade." Para Rio Branco, o golpe era terrível e inesperado. Evidentemente, o barco fazia água. Para impedir o soçôbro, o Ministério reuniu-se para debater a questão. Rui não compareceu: nova carta marcou-lhe as crescentes divergências. Nessas ocasiões, incapaz de suportar a aparência de um recuo próprio, tornava-se quase impossível demovê-lo. Equivocado sôbre o pensamento do país, voltou a escrever a Paranhos: "Se os bolivianos exigem absolutamente a margem direita do Madeira, eu, nesse caso, sou pelo arbitramento. Conhecendo, como conheço, a opinião pública entre nós, convencido estou que ela não se conformará com essa cessão territorial, dado que vantajosamente compensada." Divisão nociva ante o inimigo. O próprio Rodrigues Alves se empenhou para a desfazer, enquanto Rio Branco, que não pecava pelo orgulho, procurou Rui, no Senado, onde falou com o senadores Azeredo e Pinheiro Machado.

Azeredo a Rui, em 1.º de outubro de 1903: "Rui. O Rio Branco foi ao Senado e estêve comigo e o Pinheiro até depois de duas e meia horas da tarde, mas tinha ido procurar-te e não a nós, pois carecia muito falar-te, e como eu receasse que êle o não encontrasse no escritório, não o levei até lá. O Pinheiro, porém, lembrou o alvitre de almoçarmos juntos amanhã, o que ficou combinado, apesar do Rio Branco já ter um compromisso para almoçar com os bolivianos. Aceitando a lembrança do Pinheiro, combinei que almoçaremos no Clube dos Diários, os três sòmente, às onze e meia da manhã, cabendo-me prevenir-te que o R. Alves pediu-me com muita instância que promovesse o teu encontro com o Rio Branco. Tenha paciência e vamos agüentar o homem amanhã e, como poderemos conversar alguma cousa com o R. Alves antes do almôço, eu fico ao teu dispor das 9 horas em diante. Vou agora à estação despedir-me do Pinheiro. Responda. Beijo a mão de D. Cota e teu às tuas ordens, o amigo dedicado *Azeredo*." [20]

Certo de esposar a boa causa e, portanto, de poder conquistar os outros, Rio Branco, durante o almôço, expôs suas razões. Lutava para vedar aquela brecha que lhe ameaçava os planos, e, para isso, reiteradamente, como se vê no Diário, foi à casa de Rui, em São Clemente. Por último, visitou-o a 16. Os bolivianos não renunciavam às reivindicações territoriais. Dêsse encontro derradeiro deixou Rui esta narrativa: "Fiz ao meu eminente amigo as objeções que logo me ocorreram. Ao que S. Ex.ª me declarava, essas eram, irrevogàvelmente, as condições bolivianas. Ou acolhê-las, ou nos resignarmos ao arbitramento. Nesta colisão, eu não podia vacilar." [21] E, no dia seguinte declarando preferir o arbitramento, Rui exonerou-se. Rio Branco respondeu-lhe numa carta que é modêlo de polidez, de habilidade e de firmeza. Não fechava a porta: "É possível que obtenhamos ainda algumas modificações que satisfaçam a V. Ex.ª" Mas, com uma ponta de malícia, dizia-lhe que "não se servia constranger por motivo de delicadeza pessoal e tomar, perante o país, a responsabilidade de uma solução que lhe não parecia a melhor ou que, segundo previsões próprias e de amigos seus, podia irritar uma parte da opinião". Essa referência às opiniões alheias foi notada. Deixar-se-ia Rui insinuar por terceiros? Por último insistia nas vantagens do acôrdo direto: "Eu porque entendo que o arbitramento seria a derrota que eu preferia o acôrdo direto, embora oneroso. Este resolve as dificuldades presentes, o outro deixa-as de pé e provàvelmente abria lugar a que os territórios ocupados por brasileiros ao sul da linha oblíqua fôssem repartidos entre a Bolívia e o Peru."

LUIZ VIANA FILHO

Todos se lembravam da frase em que Paranhos resumira a sua política nesse assunto: "Não fazemos questão de território; fazemo-la de brasileiros." Agora, tentava realizá-la.

Assim, embora ambos cheios de patriotismo, êles falavam linguagem diferente. Rui, político, jurista, inclinava-se para o arbitramento, que deveria refletir o direito dos litigantes; Rio Branco, diplomata, negociador, pendia para o acôrdo, que atendia aos objetivos, pondo o fim acima dos meios. Ambicioso, sonhava incorporar tôda a área ocupada pelos brasileiros. E sòmente por um ajuste, ou pelas armas, isso lhe parecia exeqüível. A separação foi irremediável.

Embora salvasse as aparências, o gigante estava ferido. Desde agôsto, o Dr. Fajardo, que o assistia na ausência de Hilário, medicara-o para "diminuir o edema das pernas". Era a conseqüência da luta em tôrno das negociações com a Bolívia, agravada pela saída de Rui. Chegou a correr que Paranhos deixaria o Ministério. Oliveira Lima, agastado pela espera das instruções com que seguiria para o Peru, informou a Nabuco:

"A questão do Acre continua embrulhada. É positivo que o Rui (assim me asseguraram o Azeredo e o Segismundo ontem ainda ao teatro) não quer anuir à cessão de território e talvez o tratado seja celebrado sem a assinatura dêle (a propósito do Rui, remeto-lhe pelo correio a réplica dêle aos críticos do seu parecer do C. Civil, que é um tratado de linguagem portuguêsa e acaba de sair).

No gabinete há desinteligência a respeito. Disseram-me mesmo que os colegas todos foram de parecer contrário ao do Rio Branco que por isso quis sair logo, mas conciliaram-se as cousas e a exposição dêle fêz mudar as atitudes e há agora acôrdo, tendo sido modificadas as bases ou condições das propostas em andamento. Parece, porém, muito provável que o Rio Branco saia, uma vez negociado o tratado. Anda de pernas inchadas e desgostoso, ao que se diz, pois que não o vejo desde 10 de setembro." [22]

Como enfrentar os inimigos, que se uniram para o combater? Grave ameaça. Até o monarquismo do antigo titular do Império foi exumado, obrigando Paranhos a contestar que houvesse conchavo à "restauração da monarquia", em 1894. O pior, porém, era quebrar-se a unanimidade de outrora: em tôrno do herói, por mais que se alheasse da política interna, esta rosnava perigosamente. Atemorizava-o? Pelo contrário: inesperadamente despertavam nêle novas energias, transformando-o num lutador vigoroso e apaixonado. Não temera Domício que êle não se esquentasse ante as dificuldades?

Na realidade, Rio Branco era sempre surpreendente. Consumado o afastamento de Rui e reafirmada a confiança de Rodrigues Alves, a quem o chanceler oferecera demitir-se, êle tratou de alcançar um rápido acôrdo e, com Assis Brasil, reatou, em Petrópolis, os entendimentos. Cousa difícil, pois, animados pelas dissensões dos adversários, os bolivianos esticavam a corda.

---

22. Carta de 13 de outubro de 1903. Inédita. Arq. Joaquim Nabuco.

Rio Branco a Assis Brasil, Petrópolis, 4 de novembro: "Estimaria muito que pudéssemos conversar à noite. Os Ministros bolivianos saíram ontem dizendo que não podiam assinar o tratado sem a nova concessão que pedem na fronteira sul de Mato Grosso. Sei que hoje passaram extenso telegrama para La Paz. Respondi ontem que já tínhamos ido muito longe nas concessões e que nada se podia fazer nesse terreno." [23]

Às vêzes era Assis Brasil quem escrevia ao ministro: "Opõe-se V. Ex.ª a que eu, *em último caso*, ofereça tomarmos a nós o serviço de limpar, por uma vez, de quaisquer obstáculos o trecho do rio entre Corumbá e Tamarindeiro, de modo a deixar aquêle pôrto tão acessível quanto êste?" As pequenas cousas compunham a grande negociação. Rio Branco escreveu à margem dessa carta: "Não acho conveniente. As despesas de desobstrução poderiam importar em muito dinheiro." Mostrava-se econômico.

Afinal, pedir um pouco mais era o dever de cada delegado. Mas, já impaciente, o Presidente Pando aconselhou os seus representantes a abreviarem as negociações, e, três dias depois, Paranhos, bem informado, avisou Assis Brasil:

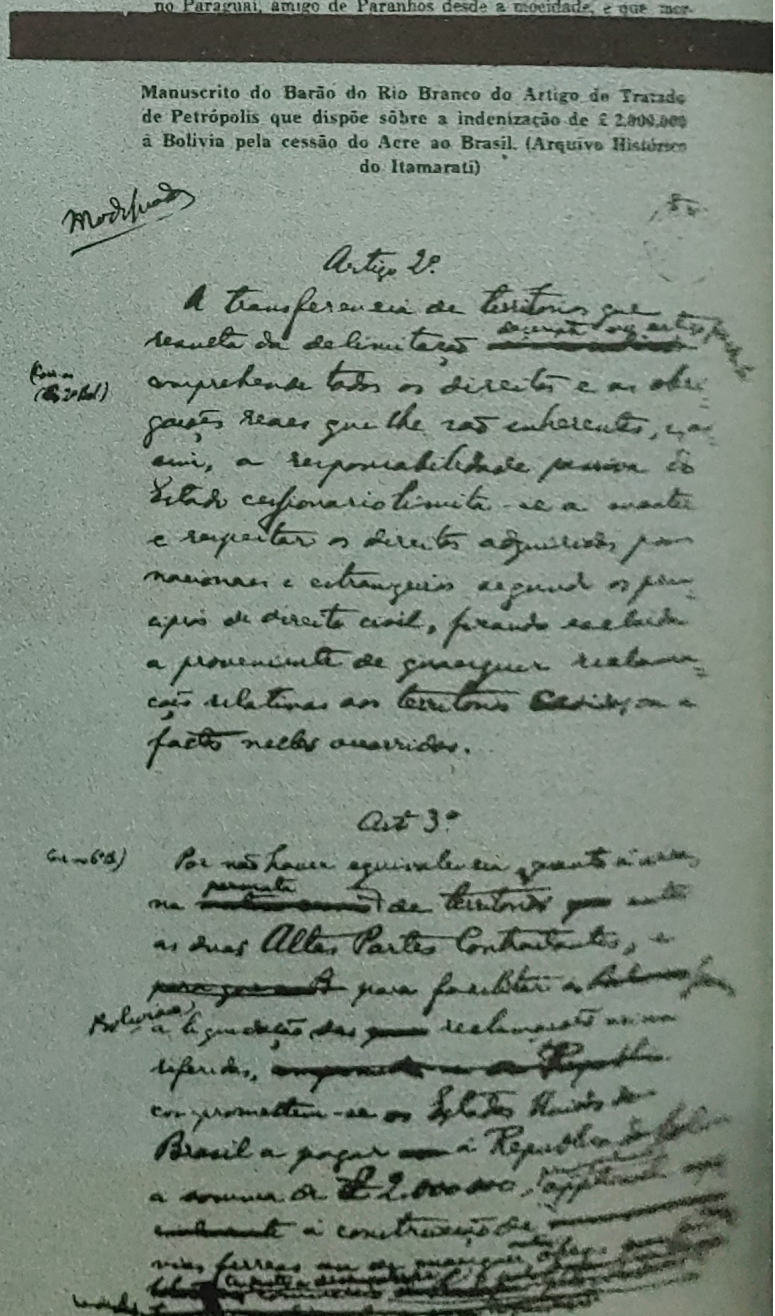
"Hoje almoçam aqui ao meio-dia, segundo ficou combinado anteontem, os Srs. Guachala e Pinilla, para que depois conversemos e procuremos ultimar as negociações. Por telegrama que recebi do nosso Ministro em La Paz, espero que esta manhã lhes chegue telegrama do Presidente Pando dizendo que convém acabar de vez com a questão. Peço-lhe o favor de vir também almoçar conosco, chegando mais cedo para me comunicar as suas impressões destes dois dias. Suponho que terá visto os homens. Anteontem, depois do jantar, conversamos alguns minutos, e pareceram-me dispostos a assinar o tratado." [24]

No verso desta carta, Assis Brasil escreveu: "Acre — novembro 1903 — princípio do fim..." Realmente, alguns dias mais, assinou-se a 17 de novembro, na acolhedora casa da Vestfália, o acôrdo conhecido como o Tratado de Petrópolis. O Brasil pagava à Bolívia dois milhões de esterlinos, obrigava-se a construir a estrada de ferro Madeira-Mamoré, e realizava-se uma permuta de territórios, assim resumida por Paranhos: "Em troca de 142.900 quilômetros quadrados de terra que lhe disputávamos e de 48.100 de terra que era reconhecidamente sua, isto é, em troca de 191.000 quilômetros quadrados — damos à Bolívia entre os rios Madeira e Abunã uma área de 2.296 quilômetros quadrados, que não é habitada por brasileiros

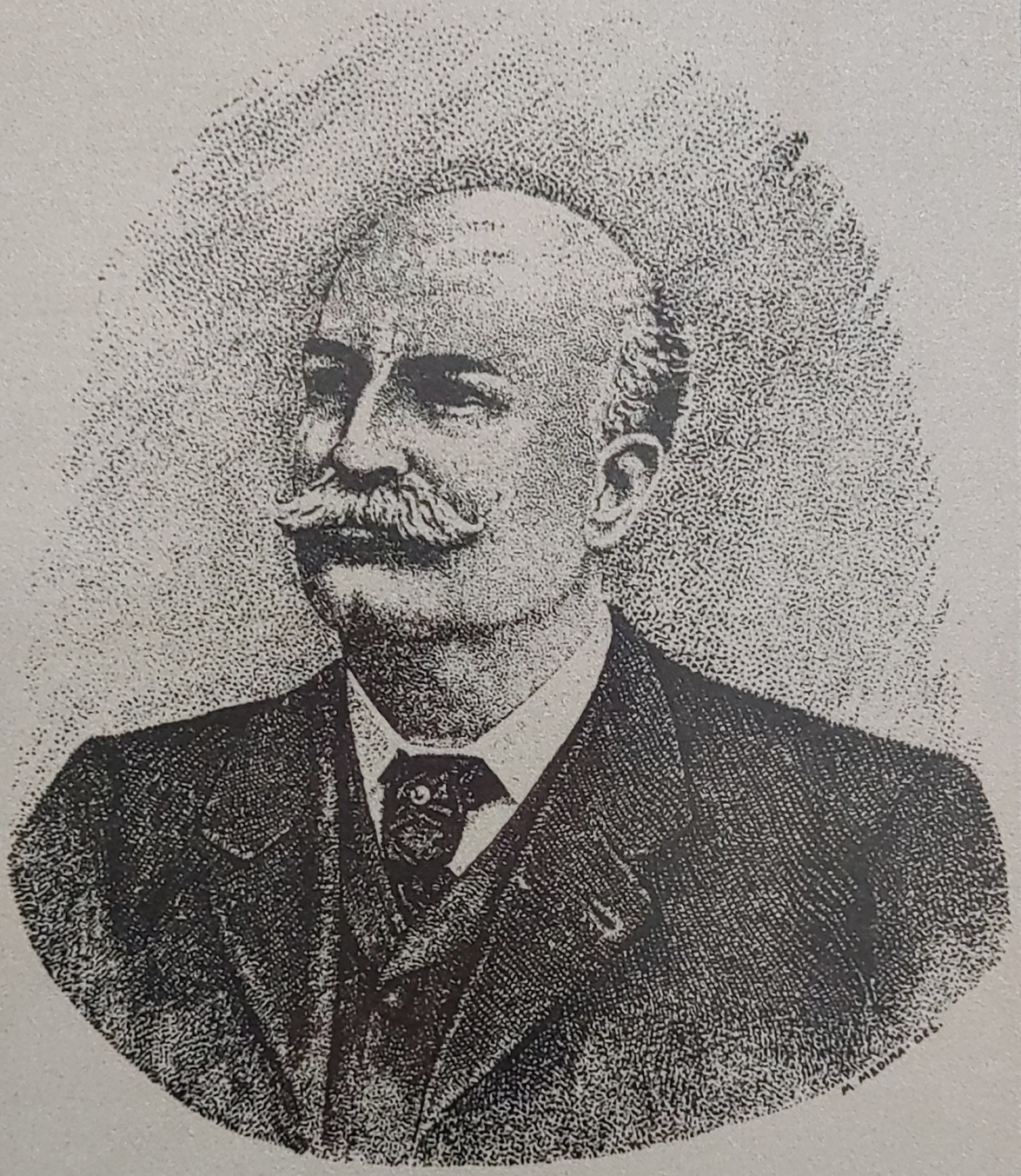
23. Inédita. Foi comunicada ao autor por gentileza da Sr.ª Lídia Assis Brasil, bem como as demais cartas de Rio Branco a Assis Brasil, de cujo arquivo, em Pedras Altas, fazem parte.
24. Carta de Petrópolis, 7 de novembro de 1903. Idem.

e que o é por bolivianos. Se o título em nome do qual lhe pedimos a cessão das bacias do Acre e dos rios que ficam a oeste dêste era o de serem êsses territórios habitados e cultivados por concidadãos nossos, como poderíamos honestamente negar à Bolívia extensão muito menor, habitada e utilizada por seus nacionais?"

O argumento era perfeito. E, mais que isso, o tratado, além de trazer a paz, representou bom negócio para o Brasil. Razões bem fracas, no entanto, quando vistas pela paixão política. Sob o pretexto de que o acôrdo feria "a integridade do território nacional", terríveis ataques desabaram sôbre Rio Branco. Na imprensa, o *Correio da Manhã* liderava o combate, e o seu diretor, Edmundo Bittencourt, impetuoso, aconselhava a rebelião popular. "Como tem decaído esta Pátria infeliz — dizia — e como há de ainda decair se os seus filhos não forem para a praça pública pugnar pelos seus brios!" O Conselheiro Andrade Figueira, ilustre remanescente da monarquia, também saiu a campo, bem como os chefes da Igreja Positivista. No Parlamento, sabia-se que, além de Rui, cujas razões concretizou na *Exposição de Motivos do Plenipotenciário Vencido*, se opunham ao tratado o Senador Murtinho, o famoso ministro da Fazenda de Campos Sales, os Senadores Pinheiro Machado, Rosa e Silva, e o ardoroso Deputado Barbosa Lima. Sem falar na legião dos menos conhecidos. Num crescendo, como se dessem entre si as mãos para abater Rio Branco, os ataques aumentavam dia a dia. De todos, porém, um dos mais dolorosos deve ter sido o do Barão de Jaceguai, herói da Passagem de Humaitá, no Paraguai, amigo de Paranhos desde a mocidade, e que mor-



Manuscrito do Barão do Rio Branco do Artigo do Tratado de Petrópolis que dispõe sôbre a indenização de £ 2.000.000 à Bolívia pela cessão do Acre ao Brasil. (Arquivo Histórico do Itamarati)


M. MEDINA DEL.

Rio, 24 de dezembro A Biblioteca da SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOGRAFIA acusa e agradece a gentil oferta de O RIO PURUS-Euclides da Cunha e ASPECTOS ECONÔMICOS DA DOMINAÇÃO NA AMAZÔNIAArtur Cezar Ferreira Reis e espera merecer outras doaçoes, para as suas Salas Publicas de Leituras e Consultas, bem como RECURSOS MINERAIS DA REGIÃO AMAZÔNICA-Clara Martins Pandolfo e ÁREAS AMAZÔNICAS DE MATTO-GROSSO.GOIÁS e MARANHÃO-Marilia Galvão e Roberto Galvão e LIMITES MERIDIONAIS E ORIENTAIS DA ÁREA DE OCORRENCIA DA FLORESTA AMAZÔNICA EM TERRITORIO BRASILEIRO-Lucio de Castro Soares.

Com alto apreço

L.A.Tavares de Lyra
Bibliotecário.

INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO
BIBLIOTECA
Largo de S. Francisco, 34
Rio de Janeiro, D. F., Brasil

Amazônia- o conceito e a paisagem
Rodovia Belém-Brasilia (2 v.)
Aspecto demográfico-social da Amazonia Brasileira.
Amazonia & Desenvolvimento
Os interpretes da Amazonia
Dez dias na Belém-Brasília

22/8/60 Data — Bibliotecário

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
BIBLIOTECA
Avenida Beira-Mar, 436

Recebemos e agradecemos: Aspectos econômicos da dominação lusitana na Amazônia
Abbiamo ricevuto e ringraziamo:
Nous avons reçu avec reconnaissance:
We have received with thanks:
Wir haben mit bestem Dank empfangen:

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1960

Assinatura

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS
DIRETORIA
SERVIÇO RÁDIO TELEGRÁFICO

de de 195

CARIMBO DA ESTAÇÃO
S. P. I.
10 DEZ 1960
ESTAÇÃO PTI-41

Recebido de
Dia 1o
Às 1545
por 1gs

Procedência MANAUS N. 61 Pls. 75 Data 1o Hora 1500

ENDEREÇO: CLOVIS BARBOSA RIO GB

de 1o 10/12/60 OBRIS CLUBE REALISARAM MANAUS PARTIR 22 CORRENTE QUARTA SEMANA NACIONAL ESTADOS PLANALTOS REUNINDO CERCA SESSENTA UNIVERSITARIOS EM PROVEITO RES TODO BRASIL PT CONSULTO SOBRE POSSIBILIDADE SERVIÇO Sex DOCUMENTAÇAO DESTINAR ESTA DIVISAO IGUAL NUMERO EXEMPLARES ULTIMOS LANÇAMENTOS COLEÇÕES // ARAUJO LIMA ET PEDRO TEIXEIRA AFIM ATENDEMOS AQUELES VISITANTES VG SEM PREJUI SO NECESSAS NORMAIS NOSSA SEMPRE CRESCENTE CLIENTELA PT ABRS

HERCULANO COSTA

Envoi de:
Please receipt of:
Übersandt von:
den Empfang zu bescheinigen.

Biblioteca Brasileira de Relações Internacionais

dezembro de 1960

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

com prezados Amigos e Companheiros
A Plaia e Valorização Econômica
da Amazônia.

Rio, 23/XII/60

Com o seu atencioso cumprimento

MANUEL F. ROCHETA
Embaixador de Portugal

agradeço, muito penhorado a sua amabilidade, a valiosa publicação que teve a bon-dade de enviar-me, sobre a Amazônia

S.P.V.E.A.
S.P.V.E.A.
S.P.V.E.A.
S.P.V.E.A.
S.P.V.E.A.
S.P.V.E.A.
S.P.V.E.A.
S.P.V.E.A.
S.P.V.E.A.
S.P.V.E.A.

COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

Rio, 3 de dezembro de 1960

Prezado Amigo Clóvis

Tenho recebido regularmente os trabalhos publicados pela S.P.V.E.A. sob sua eficiente direção.

Já os li todos e guardo-os na minha estante. São produções substanciosas e bem escritas.

Este trabalho de divulgação em prol da Amazônia deve-se ao seu esforço, à sua iniciativa e gôsto estético.

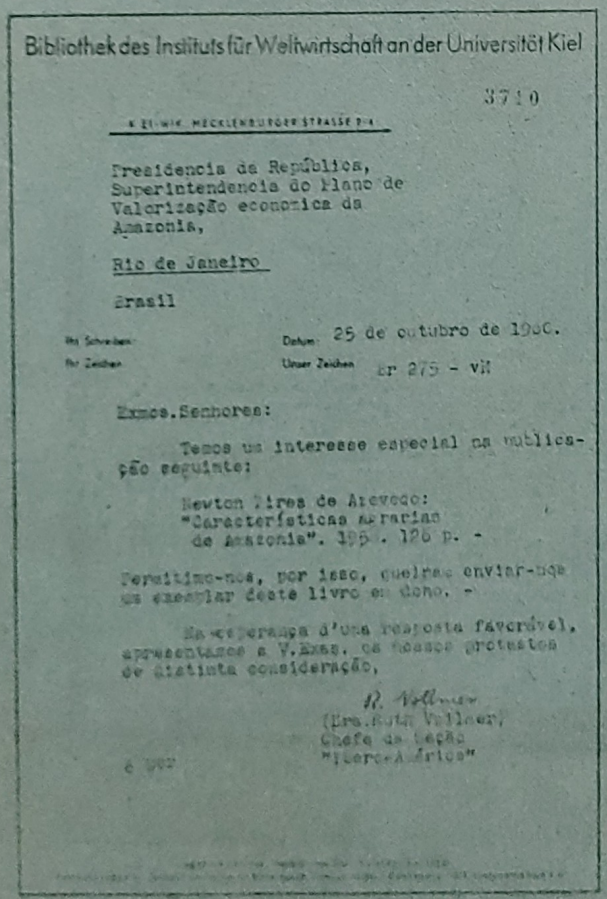
Nêle está o traço do jornalista vibrante e do escritor.

Já tendo agradecido ao dr. Waldir Bouhid, resta-me felicitá-lo pelo êxito brilhante alcançado pelas duas coleções: a Pedro Teixeira e Araújo Lima.

É exatamente o objetivo desta carta. Quero significar-lhe a minha admiração, e levar-lhe os parabéns pela emprêsa que tão bem dirige.

Queira o ilustre Amigo contar com os pequenos prêstimos de seu compatrício e admirador.)

(Desembargador Anísio Jobim, escritor, amazonólogo e ex-senador pelo Amazonas)



Bibliothek des Instituts für Weltwirtschaft an der Universität Kiel

3710

24-26 WIK MECKLENBURGER STRASSE 24

Presidencia da República,
Superintendencia do Plano de
Valorização economica da
Amazonia,

Rio de Janeiro

Brasil

Ihr Schreiben — Datum: 25 de outubro de 1960.

Ihr Zeichen — Unser Zeichen: Er 279 - vH

Exmos.Senhores:

Temos um interesse especial na publicação seguinte:

Newton Lires de Arevedo:
"Caracteristicas agrarias
de Amazonia". 195 . 126 p. -

Permitimo-nos, por isso, quelras enviar-nos um exemplar deste livro em dono. -

Na esperança d'uma resposta favorável, apresentamos a V.Exas. os nossos protestos de distinta consideração,

R. Vollmer
(Mrs. Ruth Vollmer)
Chefe da Secção
"Ibero-América"

e 9/2

ALÉM DE FOTOS, INFORMES, MAPAS OU GRÁFICOS, REFLETINDO ASPECTOS DA AMAZÔNIA, A AGÊNCIA DA SPVEA NO RIO DE JANEIRO PÕE À DISPOSIÇÃO DOS INTERESSADOS, GRATUITAMENTE, TÔDAS AS MONOGRAFIAS QUE IMPRIME OU EDITA. FUNCIONA NA AVENIDA FRANKLIN ROOSEVELT, 39 (SALAS 806/814), DAS OITO ÀS DEZESSEIS HORAS.

Adriano Menezes

O PROBLEMA DE COLONIZAÇÃO DA AMAZÔNIA

7

SPVEA
COLEÇÃO ARAUJO LIMA

Ágnello Bittencourt

NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS & PORTOS DA AMAZÔNIA

8

SPVEA
COLEÇÃO ARAUJO LIMA

PERICLES MORAES

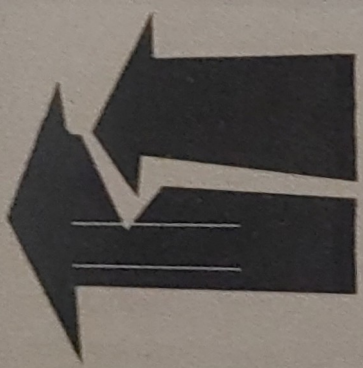
OS INTÉRPRETES DA AMAZÔNIA

10

SPVEA
COLEÇÃO ARAUJO LIMA

JÚLIO BARBOSA

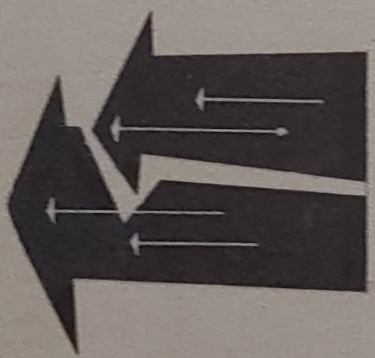
ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ



SPVEA - COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

EUCLIDES DA CUNHA

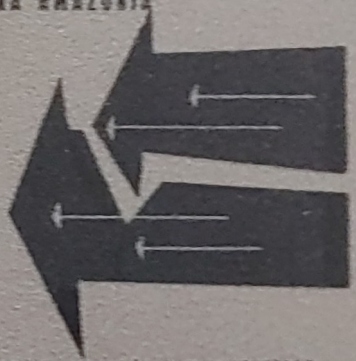
O RIO PURUS



SPVEA - COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

ASPECTOS ECONÔMICOS DA DOMINAÇÃO LUSITANA NA AMAZÔNIA



SPVEA - COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

Amazônia & desenvolvimento

COLEÇÃO ARAÚJO LIMA

WALDIR BOUHID

Aspecto Demográfico-Social da Amazônia Brasileira

COLEÇÃO ARAÚJO LIMA

Pe. José de Souza Betencourt

AMAZÔNIA o conceito e a paisagem

COLEÇÃO ARAÚJO LIMA

EIDORFE MOREIRA

COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

Direção de C. B.

1 - A Expansão Portuguêsa na Amazônia nos Séculos XVII e XVIII --.. ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

2 - Estrada de Ferro Madeira Mamoré - ..... JULIO NOGUEIRA

3 - O Rio Purus - ..... EUCLYDES DA CUNHA

4 - Aspectos Econômicos da Dominação Lusitana na Amazônia - ..... ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

COLEÇÃO ARAÚJO LIMA

Direção de C. B.

1 - Economia da Produção - .. COSME FERREIRA FILHO

2 - As Metas do Govêrno e a Valorização da Amazônia - ..... WALDIR BOUHID

3 - O Banco do Brasil na Economia do Amazonas - ..... SAMUEL BENCHIMOL

4 - Características Agrárias da Amazônia - ... NEWTON PIRES DE AZEVEDO

5 - Conceito de Amazônia - ..... EIDORFE MOREIRA

6 - Valorização da Amazônia e sua Comissão de Planejamento - ..... SÓCRATES BONFIM

7 - O Problema de Colonização da Amazônia - ..... ADRIANO MENEZES

8 - Navegação do Amazonas & Portos da Amazônia - ... AGNELLO BITTENCOURT

9 - Artigos de Jornal -

10 - Os Intérpretes da Amazônia - ..... PÉRICLES MORAES

11 - A Conquista Acreana - ..... ABGUAR BASTOS

12 - A Bacia do Mar Doce - ..... ALBERTO RANGEL

NOVA SÉRIE

1 - Amazônia & Desenvolvimento - ..... WALDIR BOUHID

2 - Aspecto Demográfico-Social da Amazônia Brasileira ..... Pe. JOSÉ DE SOUSA BETTENCOURT

3 - Amazônia - o Conceito e a Paisagem ..... EIDORFE MOREIRA

4 - Um Esbôço da Vida Amazônica (no prelo) ..... SÓCRATES BONFIM

depois; que em "Bemfica" esteve até o dia onze de Agôsto, data em que faleceu o referido Coronel Plácido; que passados sete dias da emboscada, Alexandrino e seus sequazes, com assombro do povo da vila, entrou cinicamente pelas ruas, indo hospedar-se no mesmo prédio onde habita o Prefeito Gabino Besouro, que, segundo dizem, é cumplice no assassinato do referido Coronel Plácido; e tanto isso parece ser verdade quanto é certo que até agora não houve providência alguma para capturar os criminosos e mais negou força ao Juiz de Paz, Manoel de Albuquerque Soldon, para prender os delinquentes; que desde o atentado contra o Coronel Plácido o Prefeito poz a vila de Rio Branco em pé de guerra; que absolutamente não fazia o presente depoimento na vila do Rio Branco, pois arriscar-se-ia pelo menos a ser agredido a golpes de espada pelos oficiais do aludido Prefeito."

SINTESE DA ORGANISAÇÃO JURIDICA E ADMINISTRATIVA DO TERRITÓRIO DO ACRE, DE 1904 a 1938.

O Território foi organisado provisoriamente em virtude da lei n. 1181, de 25 de Fevereiro de 1904. A lei 1820 de 19 de Dezembro de 1907, alterou os efeitos da lei anterior. O Decreto 9.831 de 23 de Outubro de 1912, deu nova organisação ao Território.

A lei 1181 criava 3 Departamentos Administrativos: o Alto-Acre, o Alto-Purús e o alto Juruá. Dividia, pois, em três importantes Vales, a zôna geográfica do Território. Êstes departamentos que lembravam as primitivas organisações sul-ameri-

canas, sob o regime espanhol, eram administrados por Prefeitos nomeados pelo Presidente da República.

Judiciariamente o Território formava uma só Comarca, dividida em 3 distritos. (Decreto 5188 de 7 de Abril de 1904).

A lei 1820 manteve os Departamentos com as mesmas denominações. Os Prefeitos continuavam a ser nomeados pelo Presidente da República. Porém a Justiça local foi modificada, criando-se 1 Tribunal de Apelação e 3 Comarcas que correspondiam aos 3 Departamentos e que eram subdivididas em 4 têrmos. (Decreto 6901 de 20 de Março de 1908).

Pela última reorganisação o Território foi dividido em 4 Departamentos: os 3 já citados e um quarto que se denominou do Alto-Tarauacá e que se formara duma parte desmembrada do Departamento do Alto-Juruá. Foram, na mesma época (1912) criados 5 municípios: Cruzeiro do Sul (Alto-Juruá); Vila Seabra (Tarauacá); Sena Madureira (Alto Purús); Rio-Branco e Xapurí (Alto-Acre). Os intendentes continuaram a ser de nomeação do Presidente da República. Na Justiça local foi criado um segundo Tribunal de Apelação, compreendendo os Departamentos de Tarauacá e Alto-Juruá (séde em Cruzeiro do Sul), ficando o primeiro com jurisdição no Alto-Acre e no Alto-Purús (séde em Sena Madureira).

A Justiça Federal foi instituida pela Lei 1820, já citada (1907) e mantida nas reorganisações seguintes.

O Decreto 12405 de 28 de Fevereiro de 1917 reorganisou a Justiça, suprimindo o Tribunal de Apelação do Cruzeiro do Sul.

O Decreto legislativo 4058 de 15 de Janeiro de 1920, autorisou nova organisação, sendo então expedido o Decreto 14.383 de 1 de Outubro de 1920 que "unificou a administração do Território, o qual passou a ser dirigido por um Governador nomeado pelo Presidente da República. O cargo de Chefe de Policia do Território tambem era de livre escolha e demissão do Presidente da República, ficando mantidos os 5 municípios."

A Lei 366 de 30 de Dezembro de 1936, dispoz sobre a organisação administrativa do Acre dividindo-o "em 5 municipios administrados por Prefeituras autônomas, mantida a unidade administrativa territorial por intermédio de um Delegado da União, com séde na cidade de Rio Branco.

O Governador quando impedido ou licenciado será substituido pelo Secretário Geral, podendo, entretanto, o Presidente da República dar-lhe substituto interino. Em caso de renúncia ou de abandôno, assumirá o Governo o Presidente da Côrte de Apelação ou o desembargador que estiver no exercicio dêsse cargo. O Conselho Territorial, de 7 membros designados pelo Presidente da República, foi instituido como órgão cooperador e consultivo. As Câmaras Municipais compõem-se de 7 vereadores eleitos por 4 ânos. Os Prefeitos tambem serão eleitos simultaneamente com os vereadores, de 4 em 4 anos, podendo ser reeleitos para o quatriênio imediato.

Os Conselhos Municipais foram criados em 1912, porém a 1.ª eleição data de 1917.

. . . . . .

Acho SAFRA um grande livro, porque não mente, não recorre ao pó de arroz para o que requer nitrato de prata, não cerra os olhos para o essencial - só abrindo-os em êxtases para os azuis das montanhas e a beleza da paisagem, que ali se debate em tão sórdida miséria biológica e social, como críticas ambulantes a esta Ordem Social reduzida ao absurdo.

Queira aceitar meus parabens pelo que fêz e pela coragem que demonstrou.

Do

(a) **Monteiro Lobato**

*

"O investigador social toma a todo instante o lugar do romancista, falando com interêsse, combatividade e acêrto. As histórias (o livro é meada de acontecimentos e entrechos) narradas num estilo demasiado enxuto, rápido, cheio de crispações e irregularidades, lembram êsse consórcio admirável que um Upton Sinclair sabe fazer entre o romance e a ação social ... Livro escrito em "crescendo", sob o impulso voluntarioso de um espírito que veio ao mundo para dizer alguma coisa." - BRITO BROCA (A Gazeta).

*

"É um grande, um notável romancista. O seu livro representa um impressionante estudo do homem amazônico, individualmente e em sociedade." - AURELIANO LEITE (Da Academia Paulista de Letras).

*

"O sr. Abguar Bastos é, hoje, o grande historiador da Amazônia. Seus romances reconstituem aspectos, panoramas e tipos daquelas remotas paragens, com sentido realista raramente notado entre nós. Dono de estilo vívido, nítido, pitoresco e correto, o sr. Abguar Bastos se inclui no pequeno rol dos nossos melhores escritores contemporâneos." - ELOY PONTES (O Globo).

*

"Terra de Icamiaba" é todo escrito em tom hermético, o que lhe empresta um certo tom impressivo de profundeza. É evidentemente, um livro de intenções simbólicas. E procura fixar a luta do homem civilizado com o bárbaro ambiente da selva verde. A documentação do romance - língua, tipo, costumes, paisagens - é de primeira ordem. - PEREGRINO JUNIOR

*

... Dentre os menos célebres, houve limitações, mal adequadas, como no caso do sr. Abguar Bastos, cujo livro, reeditado sob o nome de TERRA DE ICAMIABA, tem para o pensador amazonense o defeito do modernismo, sem que lhe fôssem evidenciadas as boas qualidades de paisagista e desenhador de tipos, imaginoso e elegante.

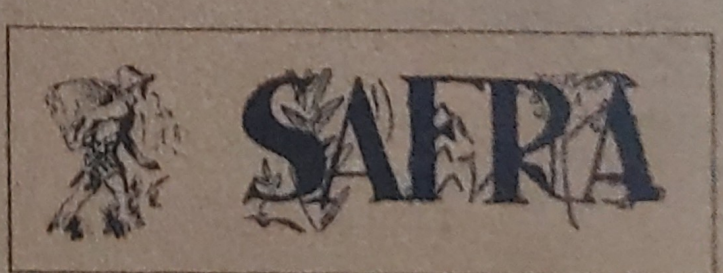
... Ao lado dos maiores escritores sôbre a Amazônia, talvez com a mesma sensibilidade espiritual, o autor da TERRA DE ICAMIABA poderia francamente aparecer, sem deslustrar a respeitabilidade artística da galeria amazônica dos seus intérpretes. - HUASCAR DE FIGUEIREDO.

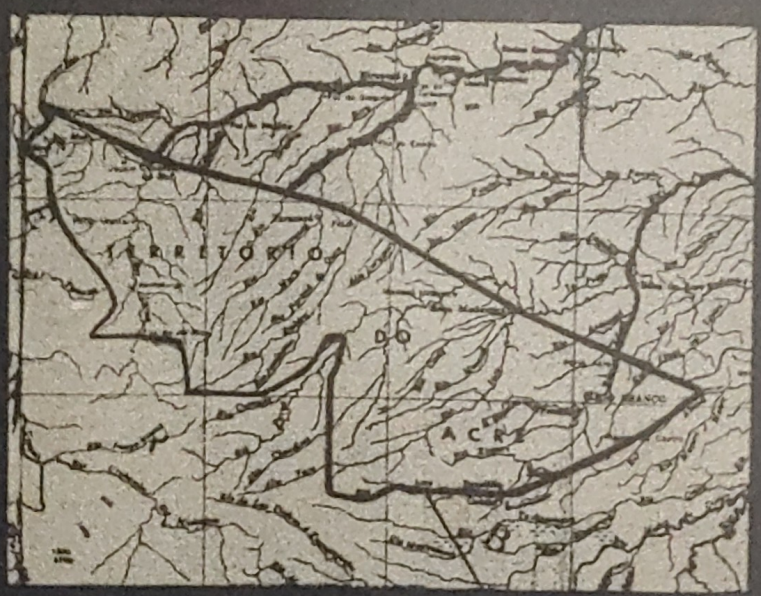
*

"Este escritor ha sabido colocar-se a la altura de Rivera y su "La Vorágine", de Ferreira de Castro com "La Selva" y de "Huasipungo" de Icaza. Los hombres del Amazonas han encontrado el novelista que supiera interpretar com intensidad y colorido el hondo drama de sus vidas destrozadas por una bárbara exploration." - - ELIO M. A. COLLE (La Defensa, Argentina).

*

"Manduca é, a meu ver, a criação mais perfeita do livro. Um personagem arrebatado às páginas de Dostoiewski. Impressiona o poder de análise, a energia com que o autor nos apresenta essa figura que, a despeito da brevidade dos traços com que foi delineada, é um dos maiores estudos de psico-patologia que nos tem dado o romance brasileiro em todos os tempos." - BRAGA MONTENEGRO (A Selva - Manaus).




ACRE